

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

GABRIELA FRANCO UECHI

RYUKYANO/OKINAWANO OU JAPONÊS COMO DILEMA IDENTITÁRIO:
da formação do Estado-nação japonês às representações no TikTok

SOROCABA-SP
2024

GABRIELA FRANCO UECHI

RYUKYUANO/OKINAWANO OU JAPONÊS COMO DILEMA IDENTITÁRIO: da
formação do Estado-nação japonês às representações no TikTok

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana, Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Mestra em Estudos da Condição Humana.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Antonio Gatti
Coorientadora: Profa. Dra. Mariana Faiad Batista
Alves

Sorocaba-SP
2024

Franco Uechi, Gabriela

Ryukyano/Okinawano ou Japonês como dilema
identitário: da formação do Estado-nação japonês às
representações no TikTok / Gabriela Franco Uechi --
2024.
78f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Marcio Antonio Gatti
Banca Examinadora: Marcio Antonio Gatti, Mariana
Faiad Batista Alves, Victor Hugo Martins Kebbe da Silva,
Cellina Rodrigues Muniz
Bibliografia

1. Identidade. 2. Plataforma e aplicativo digital. 3.
Ryukyu/Okinawa. I. Franco Uechi, Gabriela. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Humanas e Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Gabriela Franco Uechi, realizada em 01/03/2024.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Marcio Antonio Gatti (UFSCar)

Profa. Dra. Mariana Faiad Batista Alves (UFSCar)

Prof. Dr. Victor Hugo Martins Kebbe da Silva (UFSCar)

Profa. Dra. Cellina Rodrigues Muniz (UFRN)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

In memoriam

aos meus avós Koei Uechi, Toku Uechi, Arlinda Franco e Emmanuel Franco, que de diferentes maneiras passaram pela experiência da migração em busca de melhores condições para construir suas famílias. A coragem de vocês continua inspirando meu coração.

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha profunda gratidão à minha mãe, Sonia, e ao meu pai, Milton, pelo amor incondicional que sustenta a essência do meu viver.

À minha irmã, Priscila, agradeço por sua disposição em me ouvir teorizando a vida e a parceria *tiktoker*, e à minha sobrinha Alicja, que insistiu para que eu instalasse o TikTok; ambas trouxeram leveza e sorrisos durante toda essa pesquisa.

Um agradecimento ao meu irmão, Fábio, e à sua adorável família - minha cunhada Tatiane, e meus sobrinhos Leo Hiroshi e Bia Akemi. Sua generosidade ao me acolher em sua residência na Nova Zelândia foi fundamental para a minha estadia como pesquisadora visitante na Universidade de Auckland.

À minha prima Gilsélia, meu sincero agradecimento por abrir as portas de sua casa em Sorocaba, tornando possível cumprir as atividades presenciais no campus.

À minha tia Aitian (Aiko), por sempre atender meus anseios curiosos sobre nossa história *uchinaanchu*, e todo carinho em nossa relação.

Agradeço a parceria de todes amareles e *ruuchuuanes* do grupo Umi nu Kanata e aos aprendizados proporcionados pelo Japanologia, que foram o gatilho para voltar à universidade.

À turma de PPGECH de 2022, compartilho meus agradecimentos por todas as partilhas. Karina, Simone, Thara Wells, Marilda, Andrea, Vanessa, Geisa, Edson, Fábio, Fabi, Lu Petrilli, Roberta, Vanessa Freire, Ana Beatriz, Daniel e Carlos, a jornada foi enriquecedora ao lado de vocês. À Mayara e a Ariane, minha gratidão pela disposição em ouvir os pensamentos sem filtro da minha mente e pela companhia nessa trajetória acadêmica. Tamo juntas!

Agradeço à generosidade e acolhimento dos docentes do PPGECH, que, apesar dos desafios nas políticas públicas educacionais, sustentam esse programa.

Ao meu orientador, Márcio Gatti, expresso minha gratidão por aceitar meu projeto de pesquisa e embarcar na jornada de explorar Ryukyu/Okinawa e TikTok juntos. Agradeço por conduzir nossa relação orientador-orientando sempre com leveza, respeito e generosidade.

À minha coorientadora, Mariana Faiad, que demonstrou suporte não apenas ao desenvolvimento da pesquisa, mas também ao meu bem-estar físico e mental, com palavras acolhedoras e incentivadoras.

Por fim, expresso minha gratidão aos professores doutores Cellina Rodrigues Muniz e Victor Hugo Martins Kebbe da Silva pela gentileza e disponibilidade em atuarem como membros da banca de avaliação durante a qualificação e defesa desta dissertação.

O caçador teria sido o primeiro a “narrar uma história” porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos.

Carlo Ginzburg

RESUMO

A pesquisa fundamentou-se na hipótese da construção de um discurso identitário ryukyano/okinawano em contraposição ao discurso dominante japonês que os classifica como japoneses. A revisão historiográfica evidenciou a distinção entre essas duas identidades. Na análise, foram empregados dados coletados na plataforma de conteúdo digital TikTok, concebendo-a como um “mídium discursivo” portador de um mundo ético intrínseco aos discursos examinados. O embasamento metodológico e analítico da pesquisa ancorou-se na noção de “*ethos* discursivo”, conforme explorado por Maingueneau (2018; 2020). A partir do material analisado, é possível concluir que o discurso identitário ryukyano/okinawano é caracterizado por particularidades culturais desse povo, que, mesmo após o período de assimilação colonial japonesa e os processos migratórios, permanece presente e distinto do discurso de identidade nacional japonesa.

Palavras-chave: Ryukyu/Okinawa; Identidade; TikTok; Mídium discursivo; *Ethos* discursivo;

ABSTRACT

This research was grounded in the hypothesis of constructing a Ryukyuan/Okinawan identity discourse in opposition to the dominant Japanese discourse that categorizes them as Japanese. The historiographical review highlighted the distinction between these two identities. In the analysis, data collected from the TikTok digital content platform were employed, conceptualizing it as a "discursive medium" carrying an ethical world intrinsic to the examined discourses. The methodological and analytical framework of the research was anchored in the notion of "discursive *ethos*," as explored by Maingueneau (2018; 2020). From the analyzed material, it can be concluded that the Ryukyuan/Okinawan identity discourse is characterized by the cultural particularities of this people, which, even after the period of Japanese colonial assimilation and migratory processes, remains present and distinct from the Japanese national identity discourse.

Keyword: Ryukyu/Okinawa; Identity; TikTok; Discursive medium; Discursive *ethos*;

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1 – Resultado por grupo | 51 |
| Tabela 2 – Resultado por categoria em relação a cada grupo | 52 |
| Tabela 3 – Resultado por categoria geral | 53 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Mapa do Arquipélago de Ryukyu | 19 |
| Figura 2 - Mapa bases militares estadunidenses | 29 |
| Figura 3 - Apresentação TikTok | 42 |
| Figura 4 - Trend BTS Dynamite | 44 |
| Figura 5 - Trend Asian squat | 45 |
| Figura 6 - Trend What asian are you | 45 |
| Figura 7 - Trend Pizza Hut and Taco Bell | 46 |
| Figura 8 - Quadro de imagens vídeo cerâmica | 57 |
| Figura 9 - Quadro de imagens vídeo cerâmica 2 | 59 |
| Figura 10 - Quadro de imagens vídeo saataaa andaagii | 61 |
| Figura 11 - Quadro de imagens vídeo saataaa andaagii 2 | 62 |
| Figura 12 - Quadro de imagens vídeo Hajichi | 65 |
| Figura 13 - Quadro de imagens vídeo Hajichi 2 | 69 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Listas | |
| INTRODUÇÃO | 10 |
| CAPÍTULO 1 | 19 |
| OS OUTROS DE RYUKYU/OKINAWA: UM PERCORRIDO PELO TEMPO | |
| 1.1 O reconhecimento do Reino de Ryukyu | 20 |
| 1.2 O tabuleiro marítimo do Japão do Período Edo (1603-1868) | 22 |
| 1.3 O fim do Reino de Ryukyu | 23 |
| 1.4 O assimilacionismo colonial japonês para a identidade nacional (1879-1945) | 25 |
| 1.5 A objetificação de Ryukyu/Okinawa como espólio de Guerra | 28 |
| 1.6 As vozes globais de Ryukyu/Okinawa | 31 |
| CAPÍTULO 2 | 36 |
| A MATERIALIDADE DO DISCURSO EM TERRITÓRIO DIGITAL | |
| 2.1 TikTok, Algoritmo e o conteúdo digital | 37 |
| 2.2 Mundo ético TikTok | 40 |
| 2.3 Mídium discursivo: TikTok como objeto técnico e transmissor de discursos | 47 |
| 2.4 Coleta de dados | 49 |
| CAPÍTULO 3 | 55 |
| ANÁLISE DAS VOZES RYUKYUANAS/OKINAWANAS | |
| 3.1 Cartas de amor aos antepassados | 57 |
| 3.2 Na casa da minha obá | 61 |
| 3.3 Sou mulher ryukyuana/okinawana | 65 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 71 |
| REFERÊNCIAS | 74 |

INTRODUÇÃO

Porque eu, uma mestiza,
continuamente saio de uma cultura
para outra,
porque eu estou em todas as culturas ao mesmo
tempo,
alma entre dos mundos, tres, cuatro,
me zumba la cabeza con lo contradictorio.
Estoy norteadada por todas las voces que me hablan
Simultaneamente

Gloria Anzaldúa

Um dos desafios colocados à condição humana na contemporaneidade decorre das formas de se lidar com as tecnologias desenvolvidas, e seus reflexos na comunicabilidade. Esses objetos técnicos não apenas moldam o modo como nos comunicamos, mas também influenciam nos discursos elaborados. Em um mundo cada vez mais interconectado, o tempo tecnológico tem redefinido as fronteiras, introduzindo novos meios e modos de interação. Diante desse cenário, mostra-se a relevância em se compreender não apenas as formas de lidar com essas tecnologias, mas também os impasses sociais que se evidenciam em seu rastro.

Os estudos sobre a condição humana constituem uma abordagem multifacetada, explorando uma diversidade de aspectos. Um desses aspectos revela-se na análise de como as relações entre território e nação exercem influência sobre a subjetividade. A compreensão dessas dinâmicas pode lançar luz sobre os modos pelos quais os contextos territoriais e nacionais moldam a percepção, a identidade e o sentido de pertencimento, contribuindo, assim, para uma visão mais abrangente da complexidade das relações humanas.

Gloria Anzaldúa (1987), em sua obra "La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência", aprimorou a reflexão acerca das fronteiras que emergem quando as heranças culturais entram em conflito com o território nacionalizado que ocupam. Ao abordar as problemáticas das relações de dominação que permeiam a sociedade, Anzaldúa constrói o argumento acerca da necessidade de reformular a concepção da dualidade entre sujeito e objeto, entre indivíduo e as normas sociais dominantes. Ao partir de um relato pessoal, ela explora os conflitos internos e sociais relacionados à sua identidade mestiça, oriunda de raízes mexicanas e indígenas, embora com nacionalidade estadunidense. A autora destaca a luta e os desafios da pessoa mestiça em busca de uma identidade com voz que possa contrapor a subalternidade.

Eu me reconheci no texto de Anzaldúa, não apenas por compartilhar uma identidade mestiça, mas com o entendimento que essa identidade não me define, mas permite com que eu possa transitar e construir um posicionamento social-identitário, sendo uma voz em oposição aos discursos dominantes, estes que minam e marginalizam seus diferentes. Nem sempre tive a compreensão do poder da voz mestiça, pelo contrário, o fato de possuir um fenótipo que gera dúvida sobre minha ascendência para o outro, por muito tempo remeteu a sensação de inferioridade.

Eu sou neta de imigrantes que vieram de Makiya-Nago, norte da ilha principal de Ryukyu/Okinawa. Meus avós paternos desembarcaram no porto de Santos na década de 1920, e se estabeleceram na cidade de Itariri, região do Vale do Ribeira, sul do estado de São Paulo. Meus avós tiveram ao todo oito filhos (quatro homens e quatro mulheres), todos nascidos no Brasil. Meu pai é o mais novo dos homens, e o único que se casou com uma mulher brasileira. Costumo dizer que minha mãe é genuinamente brasileira; isso acontece por não conseguir pontuar no tempo-espaço seus antepassados europeus, africanos e indígenas. Seus pais são da Chapada Diamantina, na Bahia, que migraram para São Paulo durante a década de 1950. Da família materna sabemos que o bisavô da minha mãe já era nascido no Brasil; e da família paterna, sabemos que seu avô era filho de uma mulher escravizada com um homem livre.

Cresci com pessoas me perguntando “de onde você é?”, e entendi rápido que queriam saber sobre minha família paterna, e não sobre minhas raízes baianas. E a resposta padrão era “sou mestiça, meu pai é japonês”. Em alguns casos, a curiosidade do outro demandava outras perguntas, como “então, você é nissei, sansei ou não sei?”, e nesse caso uma risada sempre acompanhava a fala. À medida que fui crescendo, fui estabelecendo contato com pessoas de ascendência japonesa, e senti necessidade de mudar a minha resposta, pois percebi que falar que era japonesa não estava correto. Comecei a responder: “sou mestiça, minha família é de Okinawa”. Novamente, apenas essa resposta não saciava a curiosidade alheia e, portanto, passei a complementar a resposta: “Okinawa é uma das ilhas do Japão, mas não é a mesma coisa que o Japão” ou “Okinawa faz parte do Japão, mas não sou japonesa”.

Se dizer que era japonesa ou okinawana era apenas uma forma de especificar melhor a origem da minha família, contudo, depois de compreender o processo histórico que culminou na emigração dos meus avós, até a situação em que se encontra o Arquipélago na atualidade, com o peso das bases militares estadunidenses e o descaso do governo japonês para os assuntos da população de Ryukyu/Okinawa, ser japonesa perdeu qualquer sentido para mim. Nesse mesmo processo, o entendimento que a palavra Okinawa era de origem japonesa, resultou na adoção de outro vocabulário como Uchinaa-uchinaanchu e Ryukyu-ryukyuana.

Compartilhar um pouco da minha própria história e a forma como aprendi a lidar com alguns rótulos identitários fez-se apropriado para embasar as percepções e questionamentos que culminaram nesse estudo. Eu me reconheço como uma mulher amarela *uchinaanchu ryukyuna/okinawana*, e isso reflete no meu comportamento e interesses nas redes sociais digitais, logo a programação algorítmica dessas plataformas e aplicativos também tendem a me reconhecer dessa forma.

No contexto da pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2021, a minha *timeline* foi recheada por postagens relacionadas a violência motivadas por preconceitos e racismos direcionadas a pessoas com ascendência asiática. Grande parte desse conteúdo no *TikTok* tinha um formato de POV (*point of view*), falas diretas, depoimentos pessoais, relatos de pessoas próximas ou comentários de reportagens jornalísticas. O movimento da *hashtag* *#StopAsianHate*, além de evidenciar essas violências, possibilitou liberar a voz de minorias dentro da própria comunidade asiática. Aqui um adendo: estou chamando de minorias aqueles que não se incluem com ascendência chinesa, japonesa, coreana e/ou indiana.

Wright-Mills (2009) afirma que as experiências pessoais do pesquisador contribuem para o avanço da investigação, posicionando o pesquisador em constante construção juntamente com a própria pesquisa, e não poderia ser mais verdade no meu caso. A forma como o algoritmo do *TikTok* elege o conteúdo que será entregue a seus usuários não é transparente, mas muito de eu ter acessado um conteúdo com discursos identitários asiáticos de forma orgânica, isso é, sem utilizar ferramentas de busca ou qualquer outro tipo de ação dentro da plataforma intencionalmente direcionando para um conteúdo específico, deveu-se ao fato de eu me reconhecer como uma mulher amarela, e poder ser lida, pelo algoritmo, como parte desses discursos.

Dentro das diversas formas de expressão proporcionadas pelo *TikTok*, um posicionamento comum chamou a minha atenção nos conteúdos enunciados, que era a afirmação de que *ryukyuanos/okinawanos* não eram japoneses, o que suscitou a hipótese de que existe um discurso identitário *ryukyuno/okinawano* em contraste com o discurso predominante japonês.

Com objetivo de examinar como essa expressão identitária se manifesta no *TikTok* que esse estudo começou compreendendo que o dilema não está na confusão entre o que é ser japonês e o que é ser *ryukyuno/okinawano*; a distinção entre as duas identidades é conhecida. Mas no entendimento de que uma identidade se encontra subjugada a outra: ao se posicionar como *ryukyuno/okinawano* e não japonês, mostra-se como uma ação que promove um embate entre o discurso dominante e o subalterno, ocasionando em um dilema identitário.

Durante a pesquisa, tive a oportunidade de realizar um intercâmbio acadêmico de dois meses como pesquisadora visitante no Centro de Estudos Asiáticos do Departamento de Cultura e Língua da Universidade de Auckland, na Nova Zelândia. Participar do Seminário de Verão do Departamento de Estudos Asiáticos, organizado pelo Prof. Dr. Changzoo Song, além de ter acesso a referências bibliográficas locais, contribuiu significativamente para meus estudos, e compartilhar minhas observações agrega para a compreensão da relevância de direcionar o foco para Ryukyu/Okinawa na conjuntura contemporânea.

Os estudos ryukyuanos são comumente atrelados e subjugados às áreas de estudos japoneses ou americanistas. Todavia, a percepção da proximidade das questões acerca Ryukyu/Okinawa com a de outras ilhas e povos do Pacífico, quando evidenciada, possibilita enxergar a especificidade, a amplitude e a relevância dos estudos ryukyuanos, encarando-os como estudos que atendem a demandas globais.

As problemáticas do imperialismo estadunidense com a prática de uma colonização militarizada, instauradas não apenas em Ryukyu/Okinawa, mas em Guam e Palau, por exemplo, compartilham um mesmo processo histórico, que tem origem na Segunda Guerra Mundial, se estabeleceu durante o período de Guerra Fria, e que no século XXI se mantém com um discurso contra as políticas chinesas. A presença dos Estados Unidos no Pacífico não se limita à disputa político-econômico-militar; essa ocupação tem repercussões abrangentes nos domínios ambientais e nos direitos humanos. Ela resulta no aumento dos níveis de poluição do ar, da água e sonora, contribui para a destruição de biomas marítimos, bem como no desmatamento e na ocupação de áreas frequentemente consideradas sagradas, impactando práticas culturais-espirituais, até mesmo promove o aumento de violências contra a mulher.

A Profa. Dra. Ria Shibata¹, pesquisadora associada no Centro Nacional de Estudos para a Paz e Conflitos da Universidade de Otago, Nova Zelândia, baseia sua análise na teoria das necessidades humanas de John Burton (1990) e na teoria da identidade social proposta por Henry Tajfel (1981) e John Turner (1985). Segundo Shibata, a construção da memória coletiva desempenha um papel central na manutenção da identidade nacional japonesa. Essa memória coletiva é sustentada por uma narrativa histórica eficientemente mediada por meio de livros didáticos, museus, monumentos e produções audiovisuais japonesas.

Para Shibata, os conflitos nas relações do Japão com a China e a Coreia são fundamentados em uma memória coletiva que optou por recordar a dor das bombas atômicas, colocando-o no papel de vítima. Isso contrasta com a memória coletiva das atrocidades

¹ Referência à exposição apresentada no Seminário de Estudos Asiáticos da Universidade de Auckland, ocorrida em 26 de janeiro de 2023.

cometidas pelas ações imperialistas dos exércitos japoneses, como o Massacre de Nanquim na China e a violenta colonização na Coreia, tendo as “mulheres de conforto” como símbolo. Enquanto a identidade nacional japonesa permanecer fundamentada nessas referências, esses conflitos parecem persistir de forma interminável.

Shibata não incluiu em sua apresentação o conflito entre Ryukyu/Okinawa e Japão, contudo, a problemática da construção do discurso identitário japonês reverbera na população ryukyuna/okinawana. Compreender essa reverberação no formato de um discurso identitário alinha-se como o objetivo dessa pesquisa, o qual tem centralidade na hipótese levantada de que há um dilema identitário envolvendo o discurso dominante japonês e o subjugado ryukyuno/okinawano.

Quando se fala em sujeito subalterno, compreende-se como aquele que foi oprimido e marginalizado, e que suas vozes foram silenciadas e invisibilizadas por um discurso dominante. Spivak (2010, p.25), teórica literária e feminista pós-colonial, argumenta que o sujeito subalterno é um efeito do discurso dominante. Isso significa que a identidade do sujeito subalterno é moldada pelas forças sociais e culturais que oprimem e marginalizam esses grupos. Essa abordagem tem implicações importantes para a análise do discurso, pois sugere que a linguagem é uma ferramenta poderosa para a construção da identidade e que as vozes subalternas são frequentemente silenciadas e invisibilizadas.

A globalização tem transformado a maneira como as pessoas se relacionam com o espaço e o tempo. Em um mundo cada vez mais conectado, o território digital se tornou uma extensão do espaço físico, permitindo que as pessoas se conectem e interajam em tempo real, independentemente de sua localização geográfica (Santos, 2020).

As redes sociais são um lugar onde as pessoas podem expressar sua identidade, falar sem restrição aparente e expor ideias individuais a partir da história de cada formação subjetiva. Segundo Kozinets (2014), isso pode ser particularmente importante para pessoas que se sentem marginalizadas ou isoladas em suas comunidades locais.

Apesar de Spivak (2010), ao argumentar sobre o sujeito subalterno, referir-se a colonialidade efetivada pelo expansionismo territorial das nações europeias, apoiada na construção de um Outro, como foi visto no imperialismo britânico em território indiano, pode ser acatado para a população de Ryukyu/Okinawa, tendo em vista a conjuntura histórica.

O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial com o Outro. esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária Subje-tividade (Spivak, 2010, p.60).

Dessa forma, pode-se fazer a leitura de que plataformas (e seus aplicativos) que permitem a produção e compartilhamento de conteúdo em redes sociais assumem um local de acesso possível para as vozes subalternas. A compreensão do surgimento de uma obra e sua interconexão com o contexto em que emerge, demanda uma análise intrínseca de seus modos de transmissão e das redes de comunicação que a circundam.

Nesse sentido, este estudo compreende o *TikTok* com o pressuposto teórico tanto como um dispositivo inserido na perspectiva corporativa, parte integrante do sistema capitalista vigente, quanto como um objeto técnico desempenhando o papel de *mídiu*m discursivo, mediando e materializando a comunicação. O avanço tecnológico nos sistemas de linguagem algorítmica, aliado à coleta massiva de dados comportamentais pessoais dos usuários, abre um vasto campo de possibilidades para a instauração de relações de poder e dominação. Na análise da condição humana contemporânea, a compreensão e a investigação das plataformas e aplicativos se mostram cada vez mais cruciais.

A decisão de coletar e analisar dados provenientes do *TikTok* não foi baseada apenas em uma "preferência pessoal", mas sim por indicadores que confirmam a escolha. O *TikTok* foi lançado para o mercado mundial em 2017, e desde 2019 é o aplicativo com maior quantidade de download no mundo; em relação a quantidade de usuários ativos, é considerado o quinto no ranking, no entanto, considera-se que possui um crescimento quatro vezes mais rápido que o Youtube (lançado em 2005); o engajamento dentro da plataforma, isto é, o alcance do conteúdo, chega a ser dez vezes maior comparada com o Instagram (lançado em 2010). Além dos indicadores relacionados ao sucesso do produto *TikTok*, outro fator relevante para a escolha da plataforma para esse estudo, considerou-se sua origem chinesa e o ressurgimento da sensação social de "perigo amarelo", exemplificada com o movimento representado pela *hashtag* *#StopAsianHate* e nos embates que o *TikTok* enfrenta, referente a proteção de dados de seus usuários e tecnologia desenvolvida, por parte de governos europeus e dos Estados Unidos. O *TikTok* atrai atenção não apenas por sua especificidade técnica, mas também tem sido pivô de uma disputa discursiva entre a China e os Estados Unidos. É notável o embate pela influência sobre os territórios do Pacífico, onde os Estados Unidos mantêm bases militares em constante atividade e expansão, enquanto a China investe em projetos de infraestrutura, posicionando-se como parceira comercial. O impasse nas relações de Ryukyu/Okinawa com o Japão e os Estados Unidos também está inserido nesse amplo contexto das interações entre os povos das ilhas do Pacífico, a China e os Estados Unidos.

O primeiro título para esta dissertação era "Okinawano ou Shimanchu: Questões de identidade expressas no *TikTok*". A escolha do termo okinawano baseou-se na premissa de que é uma palavra da língua japonesa, enquanto *shimanchu* faz parte do léxico da língua uchinaaguchi. A intenção era propor uma contraposição entre Japão e Ryukyu/Okinawa. Entretanto, considerando a diversidade linguística no arquipélago e subarquipélagos de Ryukyu, adotar apenas a língua uchinaaguchi, que se refere a uma localidade específica no arquipélago, não atenderia ao propósito da pesquisa.

Outro ponto a ser considerado é que o termo Ryukyu/Okinawa é utilizado em relatórios de organizações da sociedade civil e de órgãos de direitos humanos da ONU. A opção por utilizar Ryukyu/Okinawa baseia-se na preservação do nome anterior à colonização japonesa, bem como no nome comumente empregado nas mídias e documentos japoneses contemporâneos. Desse modo, optou-se pelo uso de "ryukyuanos/okinawanos" como oposição ao termo "japoneses".

Por fim, apresenta-se a estrutura da dissertação, descrevendo a organização dos capítulos que compõem o trabalho. Esta descrição fornece uma visão geral do desenvolvimento da pesquisa e da abordagem adotada. Para a ordem dos capítulos buscou-se tecer uma linha condutora que transmitisse os passos alçados até os resultados.

O primeiro capítulo deste estudo realiza uma revisão histórica, adotando uma abordagem cronológica com base nos marcadores temporais da historiografia japonesa², chinesa³ e no calendário gregoriano⁴. O foco abrange desde a consolidação do Reino de Ryukyu no século XV até os dias atuais. A análise dos eventos significativos que moldaram não apenas a história, mas também as transformações na estrutura e interações sociais é essencial para contextualizar a situação atual dos ryukyuanos/okinawanos.

Ao examinar a historiografia, é possível compreender as nuances das experiências desse povo, oferecendo insights sobre como a localização geográfica influenciou os eventos históricos ao longo do tempo. Essa perspectiva histórica proporciona uma compreensão não apenas do passado, mas também dos desafios e oportunidades que contribuíram para a formação da identidade e realidade contemporânea dos ryukyuanos/okinawanos.

² A historiografia japonesa é caracterizada por períodos distintos, cada um correspondendo ao reinado ou ao imperador em vigor. Exemplos incluem o Período Edo, Período Meiji, Período Taisho, Período Showa, Período Heisei e o atual Período Reiwa.

³ A historiografia chinesa é delineada pelas dinastias em vigor, como a Dinastia Ming e a Dinastia Qing.

⁴ Utiliza o nascimento de Jesus como ponto de referência para o ano 1, contando o tempo por séculos e utilizando os marcadores "antes da era comum" e "depois da era comum".

As principais referências para o período de formação do Reino de Ryukyu e durante o período Edo incluem Akamine (2017), Smits (1999), Chen (2019) e Hamashita (2008), fornecendo especificidades históricas, como a participação simultânea no sistema de tributos chinês e japonês, e a ativa participação no comércio marítimo do leste e sudeste asiático. No século XIX, a chegada das nações europeias e dos Estados Unidos nos portos asiáticos e do Pacífico, juntamente com o período Meiji e a estruturação do Estado-nação nipônico, resultaram em ações imperialistas, incluindo a invasão e apropriação das ilhas de Ryukyu. Para discutir esse período, foram considerados os estudos de Oguma (2002, 2014) e Chatani (2018). A primeira metade do século XX testemunhou o intenso processo de assimilação de Ryukyu/Okinawa. Após a Batalha de Okinawa, um novo contexto se materializou, com a ocupação e instalação de bases militares pelos Estados Unidos, sendo analisado por McCormack e Norimatsu (2018) em "Resistant islands: Okinawa confronts Japan and the United States", e pela coletânea organizada por Rabson (1999) em "Okinawa: Cold war islands", que orientam a discussão até o século XXI.

Para o segundo capítulo, a atenção volta-se para a exposição do ambiente e das abordagens de composição do *corpus* do estudo, centrando-se especialmente na plataforma *TikTok*. A compreensão do surgimento dessa ferramenta digital e dos mecanismos que a orientam torna-se fundamental, considerando o contexto contemporâneo da condição humana. A análise não se limita à plataforma em si, mas explora a dinâmica sociocultural que a envolve, utilizando os conceitos de "*mídiu*m discursivo" e "*ethos* discursivo" propostos por Maingueneau (2018;2020). A investigação visa entender o *TikTok* como um meio técnico relevante na comunicação e transmissão de informações nas interações humanas.

O enfoque inicial é na origem e funcionamento do *TikTok*, seguido pela compreensão dos conceitos de "*ethos* discursivo" e "*mídiu*m discursivo". Ao considerar o último como um componente do "*ethos* discursivo", a pesquisa busca estabelecer um "*ethos* discursivo específico para o *TikTok*". O objetivo é criar os alicerces para a compreensão do discurso ryukyano/okinawano na plataforma, explorando a interação entre o "*ethos* discursivo" e esses dispositivos, e examinando como contribuem para a formação de identidades discursivas e influenciam as interações nos ambientes digitais. A análise destaca a complexa relação entre o "*ethos* discursivo" e os "*mídiu*m discursivo", ressaltando a importância desses dispositivos na construção de significados e na configuração de espaços discursivos online.

O terceiro capítulo, aborda a análise do *corpus* do estudo, composto por quatro microvídeos. Segundo Maingueneau (2020), as mudanças nas dinâmicas sociais, especialmente na autorrepresentação individual, evidenciam-se com a evolução das tecnologias. Essa

transição na comunicabilidade, afastando-se das questões doutrinárias, reflete uma mudança social mais ampla, abordando desafios como a crise de representação, a influência publicitária, transformações econômicas e avanços tecnológicos. A análise crítica das novas tecnologias de comunicação destaca seu impacto na construção da autoimagem, relacionando-se semanticamente com o conceito de "*ethos*" e enfatizando sua importância como componente fundamental na dinâmica social emergente.

Quatro microvídeos foram selecionados como amostra para investigar a representação do discurso ryukyano/okinawano no *TikTok*. Contextualizando a narrativa histórica dos ryukyuanos/okinawanos e introduzindo o *TikTok* como *mídiu* discursivo e mundo ético nos capítulos anteriores, o foco é examinar como essa expressão identitária se manifesta. Adotando a noção de "*ethos* mostrado" e "*ethos* dito" como suporte metodológico, o objetivo é explorar o discurso identitário ryukyano/okinawano em contraste com o discurso predominante japonês.

I

Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la.

Carlo Ginzburg

1 OS OUTROS DE RYUKYU/OKINAWA: UM PERCORRIDO PELO TEMPO

A compreensão dos eventos marcantes que permearam não apenas a história, mas também as mudanças na organização e nas relações sociais desempenha um papel fundamental na delimitação do plano de fundo no qual os ryukyuanos/okinawanos se encontram na atualidade. Ao explorar a historiografia, é possível atentar as complexidades das experiências vivenciadas por esse povo, proporcionando insights sobre como a localização geográfica influenciou e moldou os processos históricos ao longo do tempo. Com a perspectiva histórica, compreende-se não apenas o passado, mas também os desafios e oportunidades que moldaram a identidade e a realidade contemporânea dos ryukyuanos/okinawanos.

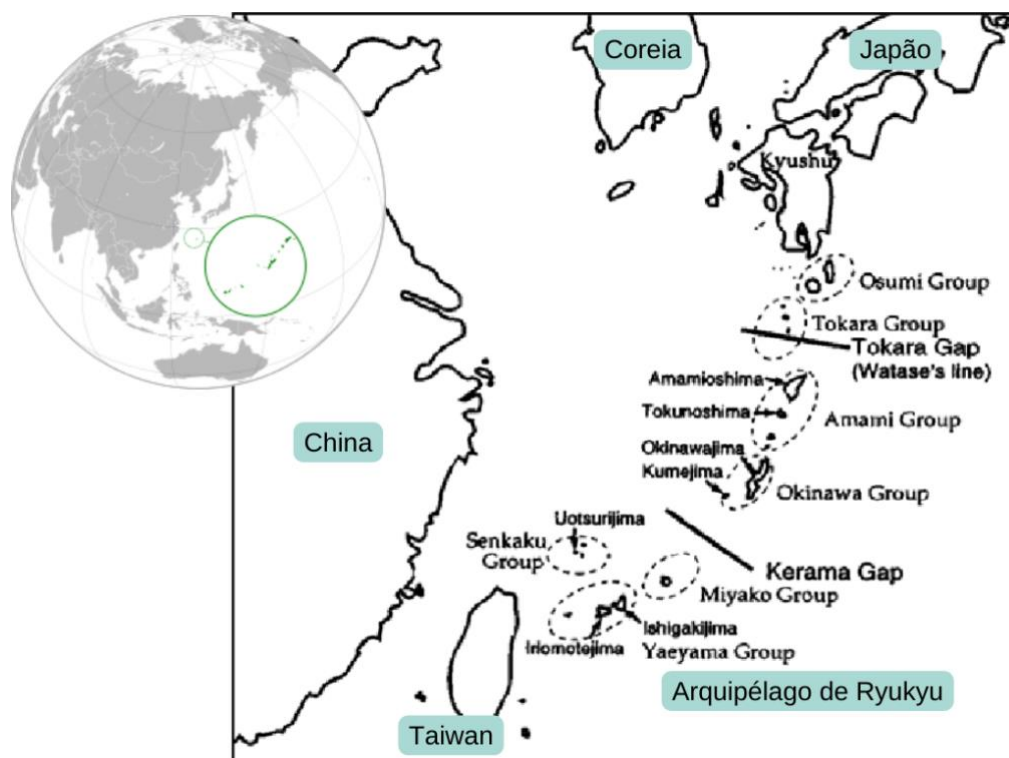


Figura 1: Mapa mostrando a localização do Arquipélago de Ryukyu no globo, e os países vizinhos mais próximos. Destacando seus principais subarquipélago. Fonte Motokawa (2000) disponível em <https://bit.ly/maparyukyumotokawa>

O Arquipélago de Ryukyu consiste em uma cadeia de ilhas localizadas no sudoeste da ilha de Kyushu⁵, formando um desenho em forma de um arco, chegando até as proximidades da ilha de Taiwan⁶. A divisão geológica do arquipélago categoriza o Arquipélago em seis subarquipélagos denominados por Osumi, Tokaka, Amami, Ryukyu/Okinawa, Sakishima e Yonaguni. As ilhas mais ao norte, que são Osumi, Tokaka e Amami não eram pertencentes ao Reino de Ryukyu. Historicamente, o povo de Amami compartilha similaridades culturais com o povo de Ryukyu/Okinawa, no entanto, desenvolveu uma língua e costumes próprios. A divisão política dividiu o Arquipélago de Ryukyu em duas regiões administrativas. O conjunto dos subarquipélagos de Ryukyu/Okinawa, Sakishima e Yonaguni configuram na 47ª Prefeitura do Japão, enquanto Osumi, Tokaka e Amami são partes da 46ª Prefeitura de Kagoshima⁷.

Contudo, o Reino de Ryukyu abrangia os subarquipélagos de Ryukyu/Okinawa, Sakishima e Yonaguni, a ilha de Ryukyu/Okinawa além de ser a maior em território, também era o centro de todo o Reino. Conseguir visualizar a localização do Arquipélago de Ryukyu ajuda na compreensão de como a história do povo de Ryukyu/Okinawa relacionou-se com os povos vizinhos, como os chineses, taiwaneses, japoneses, indonésios, filipinos e malaios.

Como um dos pontos centrais dessa dissertação atrela-se a compreender como que a identidade ryukyuan/okinawana está sendo mostrada, com este capítulo busca-se apresentar quem são os ryukyuanos/okinawanos, com o suporte da historiografia, através de uma narrativa cronológica.

1.1 O reconhecimento do Reino de Ryukyu

Em 1372, emissários da dinastia chinesa Ming (1368-1644) visitaram a ilha principal de Ryukyu/Okinawa, como parte das negociações que viabilizavam o comércio marítimo na região, apoiados no Sistema Tributário Chinês. Nesse período, o Reino de Ryukyu não era unificado, a ilha de Ryukyu/Okinawa encontrava-se dividida em três domínios rivais: Hokuzan (norte), Chuzan (Centro) e Nanzan (sul). Os emissários chineses visitaram e negociaram com os três domínios, separadamente.

⁵ O chamado “Japão Continental” é conjunto de quatro grandes ilhas, e suas ilhas adjacentes, composto por Hokkaido (a ilha mais ao norte), Honshu (onde as cidades de Tokyo, Kyoto e Osaka se encontram), Shikoku e Kyushu (a ilha mais ao sul).

⁶ Yonaguni, que é o subarquipélago mais ao sul, está a 120km de distância da costa leste de Taiwan.

⁷ O governo japonês dividiu seu território em 47 regiões administrativas, chamadas de Prefeitura; cada prefeitura é representada por um governador junto ao governo central do país. Essa divisão e estrutura de governabilidade foi estabelecida no decorrer do Período Meiji (1868-1912), como parte da construção do Estado-nação japonês aos moldes das nações europeias.

Em 1429, o domínio de Chuzan (Centro) sobrepujou os demais e centralizou o poder, dessa forma, unificando Ryukyu/Okinawa, dando início ao Reino de Ryukyu (1429-1879). A China reconheceu o Reino de Ryukyu, mantendo-o parte de seu Sistema Tributário, que tinha como principal elemento as relações comerciais, mas também oferecia reconhecimento diplomático, proteção militar e segurança regional (Hamashita, 2009, p.59).

O historiador Chen (2019), classifica o Sistema Tributário Chinês como um sistema de “investidura e tributos”, onde o tributário reconhece o poder da China, enviando mercadorias e comitivas como tributos, conforme a frequência acordada, e por sua vez, em caso de conflitos diplomáticos ou militares, a China assumiria o papel para salvaguardar seu tributário. Uma outra característica chinesa, era o fato da corte imperial não intervir em assuntos internos dos tributários. Mesmo havendo uma relação de dominação, ainda segundo Chen, não houve uma aliança ou levante contra esse Sistema de Tributos⁸.

Os séculos XV e XVI foram os mais prósperos para o Reino de Ryukyu. O Reino era reconhecido e tratado em uma relação de igualdade com os demais reinos da região; a variedade de produtos que transitavam por Ryukyu/Okinawa se diversificaram, aquecendo a economia. Conforme afirmou Akamine (2017, p.7) "com sua frota crescente de navios mercantes, Ryukyu emergiu como uma figura central no comércio regional em seu papel como intermediário comercial entre o Japão, a China e o Sudeste Asiático"⁹. O Reino de Ryukyu se posicionou como um dos principais entrepostos comerciais do Pacífico, ocupando um papel de conexão essencial entre as muitas cidades portuárias do Mar da China e Sudeste Asiático

Ao se tornar a ligação entre estes e o Japão e a Coréia no Mar da China Oriental, Naha se transformou no maior porto da região. Assim, o povo deste pequeno reino, através de uma miríade de experiências e contatos com as nações da Ásia, conseguiu construir uma cultura única tingida de diversas influências (Akamine, 2017, p. 7, tradução minha).¹⁰

Se de um lado a relação entre o Reino de Ryukyu e China mostrava-se vantajosa e conveniente para ambos, não se pode dizer o mesmo da relação entre Japão e China nesse mesmo período. O Japão nunca aceitou fazer parte do Sistema Tributário Chinês, segundo

⁸ O Sistema de Tributos Chinês teve início com a dinastia Song (960-1279), e foi apenas com o avanço das nações europeias, tendo a primeira Guerra do Ópio (1842) como marco, que esse Sistema foi se dissolvendo. O Reino de Ryukyu enviou tributos para a China até o seu desmantelamento, em 1879.

⁹ With its steadily growing fleet of trade ships, Ryukyu emerged as a central figure in regional commerce in its role as merchant middleman between Japan, China, and Southeast [...]. (AKAMINE, 2017, p. 7)

¹⁰ As it became the link between these and Japan and Korea on the East China Sea, Naha was transformed into the greatest port of the region. Thus the people of this tiny kingdom, through a myriad of experiences and contacts with Asia's nations, succeeded in building a unique culture tinged with diverse influences (Akamine, 2017, p. 7).

Rabson (1999, p. 135), além dos ataques de piratas japoneses às mercadorias angariadas pela China, houve tentativas para sabotar o Sistema Tributário Chinês através de invasões a reinos tributários, mas sem sucesso efetivo.

1.2 O tabuleiro marítimo do Japão do Período Edo (1603-1868)

A história japonesa anterior ao Período Edo (1603-1868) foi marcada por inúmeras disputas e batalhas entre os daimiô¹¹, que compunham a estrutura administrativa do Japão. Segundo Hall (2009, p. 1) o “fenômeno daimiô” seria o resultado da ascensão de líderes militares locais que primeiro conquistaram seus próprios domínios e regiões, e depois começaram a guerrear entre si pela hegemonia central. A mudança veio com a vitória de daimiô Tokugawa sobre os demais, estabelecendo o fim dos conflitos internos, tendo na figura do Xogum a centralidade de governança, diminuindo a influência do Imperador, transferindo de Kyoto para Tokyo o centro de poder do governo japonês.

Uma das principais características que marcaram o Período Edo foi a implementação do *sakoku*, o fechamento dos portos japoneses a tripulações estrangeiras, dificultando a influência externa na sociedade japonesa como um todo. Apenas o porto de Nagasaki continuou aberto, mas com restrições, conforme apresentou Tashiro (1982, p. 284), o Japão manteve expressivo comércio e relações com navios provenientes dos Países Baixos e do Leste Asiático, o “isolamento do Japão” teve impacto, principalmente, às nações cristãs, que enviavam missionários junto com os navios mercantes.

Inserido nesse contexto, em 1609, o daimiô Satsuma¹² realizou uma tentativa de usurpar o Reino de Ryukyu, no entanto, como a ordem de invasão não partiu do governo central, o Xogum barrou o intento de Satsuma, acompanhando o fechamento dos portos, foi um período que o Japão focou em firmar seu próprio governo, e não de expansão territorial. Doravante, o rei de Ryukyu, Sho Nei, foi levado até a cidade de Kagoshima, onde junto com o Xogum e daimiô Satsuma, foi pressionado a se associar como vassalo do daimiô Satsuma, conseqüentemente ao Xogum, porém mantendo a integridade do território e do povo do Reino de Ryukyu.

¹¹ Refere-se a um título para designar uma pessoa que exercia a responsabilidade de manter a administração, coletar impostos, manter o controle dos seus *han* (famílias detentoras de posses que estavam subjugadas a um daimiô), sob a condição de lealdade ao Imperador, e depois ao Xogum.

¹² O daimiô Satsuma, localizado no sul da ilha de Kyushu, a principal cidade e porto era Kagoshima, o daimiô mais distante de Tokyo.

Depois de 1609, Liu-ch'iu [Ryukyu], como um pequeno país impotente, teve que aceitar a vontade de Satsuma em todos os detalhes. Mas como a relação tributária com a China não foi interrompida e o confucionismo continuou a ser a ideologia do estado, a mudança não parece ter alterado a visão de Liu-ch'iu de que a China era o centro do mundo do Leste Asiático e a fonte de valores culturais (Smits, 1999, p. 157, tradução minha).¹³

Para o daimiô Satsuma, o feito foi uma conquista, pois além de viabilizar o recebimento de impostos e tributos provenientes do Reino de Ryukyu, também foi um modo de driblar uma das principais características do Período Edo, o fechamento dos portos, por poder contar com os portos ryukyuanos/okinawanos. Conforme apresentou Tashiro (1982, p. 284), incluir o Reino de Ryukyu no sistema de vassalagem desenhado pelo Xogum, de certo modo, foi um meio de burlar o relacionamento conflituoso entre China e Japão.

Com essa conjuntura, o Reino de Ryukyu tornou-se um entreposto portuário fundamental para o comércio envolvendo China e Japão. Mas como que comércio não envolve apenas mercadorias, mas também a troca cultural, segundo Smits (1999), o daimiô Satsuma se esforçou para sempre que podia colocar o povo ryukyano/okinawano como o Outro a ser subjogado, e uma das formas era evidenciar as influências chinesas do Reino de Ryukyu na comitiva anual¹⁴ para Tokyo.

1.3 O fim do Reino de Ryukyu

Mesmo com a dupla vassalagem, o Reino de Ryukyu manteve-se estável e próspero. Smits (1999) aponta que a aristocracia ryukyana/okinawana lucrava tanto com o relacionamento com a China, como com o Japão, o que facilitou para que não houvesse resistência na sociedade ryukyana com a situação do Reino, bem como o esforço para se manter presente e ativo para um bom relacionamento com esses dois grandes vizinhos.

No entanto, apesar da relação direta com as duas maiores nações do Leste Asiático, a dinâmica global também faz parte do tabuleiro. No decorrer do século XIX, o continente asiático teve que lidar com a intensa expansão territorial imperialista das nações europeias. O Reino de Ryukyu recebia comitivas estrangeiras europeias, mas não sofria ameaças contra sua

¹³ After 1609 Liu-ch'iu [Ryukyu], as a powerless small country, had to accept Satsuma's will in every detail. But as the tributary relation with China was not disrupted and Confucianism continued to be the state ideology, the change does not seem to have altered the Liu-ch'iu view that China was the center of the East Asian world and the source of cultural values (Smits, 1999, p. 157).

¹⁴ Uma das práticas do Sistema de vassalagem introduzidas pelo Xogum, era exigir dos daimiôs uma visita anual para Tokyo. Essas viagens demandavam custos altos para os daimiôs, e mais do que prestar respeito ao Xogum, também funcionava como manutenção do xogunato, pois dificultava o acúmulo de riqueza pelos daimiôs.

soberania. Por outro lado, a China entrava no período comumente chamado de “século da humilhação”, por conta de uma sucessão de derrotas em embates contra, principalmente, os britânicos e os japoneses.

A China reunia esforços para manter sua integridade territorial, não conseguindo atender no auxílio de seus tributários, com o Sistema indicava. O que para o Reino de Ryukyu que não possuía histórico de guerra com outras nações, a experiência era dos conflitos internos antes da unificação, não poder contar com o suporte chinês em caso de conflitos com outras nações, deixava o Reino vulnerável.

Enquanto a China perdia seus territórios e lidava com a invasão europeia, o Japão sofria pressão das frotas marítimas estadunidenses e britânicas, principalmente, para a abertura de seus portos, aumentando os conflitos internos japoneses com parte da população requisitando a abertura dos portos com caráter econômico, grupos opositores a governabilidade do sistema do xogunato. O que resultou o fim do poder do Xogum, dando início a um novo período na história japonesa, foi um período que o Japão reviu toda a sua estrutura de poder. Foi no Período Meiji (1868-1912) que o Estado-nação japonês foi moldado, muito influenciado pelas práticas imperialistas proveniente da Europa. Como práticas entende-se o expansionismo territorial, subjugação de outros povos, exploração de bens naturais, da mesma forma um sistema interno que fortaleça uma identidade nacional que confirme e viabilize as ações imperialistas articuladas pelo Imperador.

Para os formuladores de políticas no Japão Meiji, construir uma nação e construir um império significava essencialmente a mesma coisa. Eles geralmente acreditavam que o império era uma versão poderosa do estado-nação (Chatani, 2018, p. 4, tradução minha)¹⁵

Em 1872, o Japão iniciou a ocupação do Reino de Ryukyu, mas foi com a rendição do rei em 1879 que oficializou-se o fim do Reino de Ryukyu. A família real foi exilada em Tokyo sob o controle japonês, e todos os representantes governamentais do Reino de Ryukyu foram depostos. Com a dissolução das estruturas de poder e econômicas do reinado de Ryukyu, o governo em Tokyo passou a nomear os responsáveis pela administração desse novo território do Japão, do mesmo modo que todos os cargos de lideranças eram ocupados por japoneses.

A sociedade ryukyuna/okinawana não aceitou as lideranças japonesas em silêncio, a imposição do domínio foi acompanhada de violência física e política de acultramento.

¹⁵ For policymakers in Meiji Japan, building a nation and Building an empire meant essentially the same thing. They commonly believed that the empire was a powerful version of the nation-state (Chatani, 2018, p. 4).

Segundo McCormack e Norimatsu (2012, p.6) "os okinawanos foram pressionados a seguir um caminho de autonegação, deixando de lado sua língua e cultura distintas, sua okinawanidade, para se tornarem japoneses", um intenso processo de nacionalização japonesa e marginalização ryukyuana/okinawana.

Entre 1879 e 1895, uma parcela da população ryukyuana/okinawana acreditava que a China poderia reverter a invasão japonesa, apoiados pelos séculos de relacionamento direto com as dinastias chinesas. No entanto, em 1895, a China perdeu a guerra que travava contra os japoneses, suscitando na conquista japonesa de Taiwan e confirmação da soberania sob Ryukyu/Okinawa.

1.4 O assimilacionismo colonial japonês e a identidade nacional (1879-1945)

Até a Segunda Guerra Mundial, o Japão viveu um intenso expansionismo de domínio territorial e de influência cultural, com um processo de japonização, implementou suas instituições nos locais conquistados. Conforme apontado por Chatani (2018, p.4), mesmo diante das divergências e das diversas posições entre líderes japoneses e colonialistas, o desejo de homogeneizar os súditos imperiais e estabelecer uma nação que abrangesse todo o domínio imperial era compartilhado pelos japoneses, movimento que a autora denomina como "nação-império".

Dessa forma, houve a necessidade de não apenas incorporar o território e a economia, mas também as práticas culturais, espirituais/religiosas e a própria linguagem, "assimilar" significava integrar e incorporar os povos subjugados ao que se entendia como o ser japonês. Vale lembrar, que o imperialismo japonês acompanhou o processo interno de formação do Estado-nação aos moldes europeu, bem como a construção e afirmação de uma identidade nacional japonesa, para isso a instituição da escola mostrou-se uma das principais ferramentas tanto na construção de uma identidade nacional, como na política assimilacionista colonial. Para Smits (1999, p.150), a compreensão das representações da identidade ryukyuana/okinawana, desenvolvidas pelos habitantes de Ryukyu/Okinawa a partir do final do século XIX, requer uma análise contextualizada que leve em consideração tanto o fenômeno do colonialismo quanto o conceito moderno de nação.

As políticas assimilacionistas japonesas foram desequilibradas ao enfatizar a homogeneização dos comportamentos das pessoas e a promoção da lealdade entre os súditos imperiais. A educação foi o principal meio utilizado. Os professores japoneses no campo, seja no Japão ou em suas colônias, fizeram todos os esforços para incutir a

consciência nacional, ensinando às crianças a língua japonesa “correta” e pregando a elas sobre a antiga linhagem e a glória do imperador (Chatani, 2018, p. 8, tradução minha).¹⁶

A educação foi uma das principais ferramentas do Período Meiji para estabelecer as mudanças necessárias para o estado moderno japonês, segundo Rabson (1999), a política de assimilação foi imposta em Ryukyu/Okinawa por educadores japoneses. Essa abordagem incluía desencorajar tatuagens (*hajichi*), suprimir ações das *Yuta* (curandeiras espirituais), reduzir a influência das *Nuru* (sacerdotisas locais), incorporar deidades locais ao panteão hierárquico do estado xintoísta continental e censurar as apresentações de *kumi-odori* (dramas) considerados perigosos ou imorais.

Se para o Japão, integrar o ryukyano/okinawano à sociedade japonesa fortalecia a legitimidade de seu povo e cultura, para o povo ryukyano/okinawano era visto como um meio de reaver direitos civis em igualdade com as pessoas do Japão continental. Essa percepção por parte dos ryukyanos/okinawanos não era uniforme, mas para aqueles que viam na assimilação algo positivo, conforme constatou Oguma (2014), eram movidos por duas motivações: fim da discriminação e a modernização para uma nova configuração social.

O primeiro jornal ryukyano/okinawano, criado em 1893, o *Ryukyu Shimpo*, possuía um editorial claramente pró-assimilação ao Japão. O fundador era Sho Jun, filho do último rei de Ryukyu, que após o desmantelamento do Reino foi junto com a sua família para Tokyo, e teve acesso à educação comum à elite japonesa, e acreditava que se tornar japonês significava se modernizar e, desse modo, os ryukyanos/okinawanos receberiam um tratamento de igual para igual pelos japoneses. Observa-se que a base para aceitar a assimilação estava em não se reconhecer como um estrangeiro, nem como um Outro inferior.

Mesmo com esforços discursivos para igualar japoneses e ryukyanos/okinawanos, os fatos mostraram que faltava muito para um consenso, conforme verificou-se na 5ª Exposição da Indústria Nacional realizada em Osaka, em 1903. Um dos setores da feira era chamado de "Pavilhão Humano", de acordo com Ziomek (2020), a curadoria japonesa reuniu pessoas provenientes de suas colônias como forma de afirmar o poderio do império. Dessa forma, havia pessoas de origem Ainu, Ryukyana/Okinawana e Taiwanesa, o ápice da desumanização e todo o discurso de assimilação se dissipou.

¹⁶ Japanese assimilationist policies were lopsided in stressing the homogenization of people's behaviors and the fostering of loyalty among imperial subjects. Education was the primary means used. Japanese teachers in the countryside, whether in Japan or its colonies, made every effort to instill national consciousness by teaching children the “correct” Japanese language and preaching to them about the ancient lineage and glory of the emperor. (CHATANI, 2018, p. 8)

A própria existência de um “Pavilhão Humano” foi colocada em debate por jornais e parte da população japonesa. No entanto, esse tipo de desumanização não foi criação nipônica, diversas outras nações europeias expunham pessoas de origem do continente africano, asiático e ilhas do Pacífico. O fato é que com a presença de duas jovens ryukyuanas/okinawanas expostas no Pavilhão, evidenciou a discriminação e o preconceito o qual os ryukyuanos/okinawanos sofriam pelos japoneses.

Mesmo tendo sido incluída como uma prefeitura administrativa, na estrutura do governo japonês, ainda havia o questionamento se Ryukyu/Okinawa era efetivamente reconhecida como uma Prefeitura, ou se era apenas mais um território colonial a ser explorado. Para Smits (1999), a relação era de colônia por conta das diferenças nas formas de governabilidade entre Ryukyu/Okinawa e as demais prefeituras. Até 1945, então, antes da Segunda Guerra Mundial, todos os governadores que representavam Ryukyu/Okinawa em Tokyo, eram japoneses, da mesma forma o corpo dos funcionários educacionais, não eram ryukyuanos/okinawanos; As primeiras eleições para a Prefeitura e a Assembleia Nacional aconteceram no Japão continental em 1890, enquanto em Ryukyu/Okinawa, essas eleições ocorreram em 1909 e 1912, respectivamente; Ao longo da década de 1920, a Prefeitura de Ryukyu/Okinawa consistentemente contribuía com quantias muito superiores em impostos para o governo central, em comparação com os gastos do governo central em Ryukyu/Okinawa.

Os impostos em Okinawa eram proporcionalmente muito mais altos do que em outras partes do Japão; ainda assim, os okinawanos não puderam enviar representantes para a Dieta Nacional [poder legislativo bicameral], estabelecida sob a constituição Meiji de 1890, até vinte e dois anos depois, em 1912. A situação na era Meiji de Okinawa é frequentemente contrastada com a de Hokkaido, onde o governo despejou dinheiro e energia em desenvolver um vasto território esparsamente habitado por uma população mais facilmente manipulável de caçadores e pescadores Ainu. Em contraste, Okinawa tinha recursos naturais limitados e uma população cuja lealdade ao estado Meiji era vista como problemática (Rabson, 1999, p. 138, tradução minha).¹⁷

Por um lado, o governo do Período Meiji reteve as reformas econômicas e representação política para Ryukyu/Okinawa, do outro houve um rápido e vigoroso avanço nas políticas de assimilação, principalmente no campo da língua. Embora a prefeitura de Okinawa fizesse parte das terras do império japonês, os ryukyuanos/okinawanos ainda eram vistos como nativos de

¹⁷ Taxes in Okinawa were proportionately much higher than elsewhere in Japan; yet the Okinawans could not send representatives to the national diet, established under the Meiji Constitution of 1890, until twenty-two years later, in 1912. The situation in Meiji-era Okinawa is often contrasted with that in Hokkaido, where the government poured money and energy into developing a vast territory sparsely inhabited by a more easily manipulated population of Ainu hunters and fishermen. By contrast, Okinawa had limited natural resources and population whose loyalty to the Meiji state was seen as problematic (Rabson, 1999, p. 138).

uma colônia. A população de Ryukyu/Okinawa colocada na condição de subalternidade, buscava encontrar caminhos de sobrevivência e resistência, tendo o Japão como seu antagonista. E foi com essa conjuntura que a Segunda Guerra Mundial chegou nas ilhas de Ryukyu/Okinawa.

1.5 A objetificação de Ryukyu/Okinawa como espólio de Guerra

A Guerra do Pacífico refere-se aos confrontos ocorridos na região do Pacífico, como parte dos embates da Segunda Guerra Mundial, tendo os Estados Unidos (Aliados) e o Japão (Eixo) como protagonistas. A Batalha de Okinawa é considerada a mais intensa das disputas militares, no contexto do Pacífico. Os militares japoneses instalaram bases militares na ilha principal de Ryukyu/Okinawa e impôs o alistamento para o exército à população local; a marinha estadunidense bombardeou o arquipélago com sua frota, até desembarcar e iniciar a batalha em solo ryukyuno/okinawano. A Batalha durou de abril até junho de 1945, estima-se que 200 mil pessoas vieram a óbito, cerca de um-terço da população civil ryukyuna/okinawana foi perdida.

Toda discussão de assimilação, promovida pelos japoneses, se perdeu com a derrota da guerra pelo Japão. A Declaração de Potsdam foi emitida e assinada pelos Aliados, representados pelos líderes dos Estados Unidos, Reino Unido e China. Esta Declaração tratou de questões pós-guerra, incluindo a rendição incondicional do Japão e, também, delineava as condições que deveriam ser seguidas após a rendição. Entre essas condições, estava a ocupação Aliada no Japão, para garantir que o país fosse transformado em uma nação pacífica e democrática.

Os ryukyuanos/okinawanos foram libertados de suas detenções (campos de concentração) entre 1945 e 1947, e descobriram que suas casas, túmulos familiares e locais sagrados já haviam sido demolidos. Cerca de 18 mil hectares (8% das terras produtivas) foram confiscados, 40 mil proprietários perderam suas posses e 12 mil famílias tiveram suas residências expropriadas. A lembrança da Batalha de Okinawa mantém-se viva na memória ryukyuna/okinawana até os dias atuais, por mais que a Guerra tenha chegado ao fim, oficialmente, em agosto de 1945, isso é, após as bombas atômicas de Nagasaki e Hiroshima, e a assinatura da rendição pelo Imperador japonês, a permanência dos militares estadunidenses reforçam essa memória.

No período de 1945 a 1951, os Estados Unidos desempenharam um papel fundamental na reorganização do Japão pós-guerra, participando ativamente na elaboração da Constituição japonesa, que serve como a carta magna do Estado. Em relação a Ryukyu/Okinawa, foi

estabelecido um Conselho Consultivo de Okinawa, vinculado às forças armadas dos Estados Unidos.

Com a nova constituição japonesa, de 1947, parte da população ryukyuna/okinawana entendeu que ser parte do Japão significaria ter os direitos estabelecidos no texto constitucional, e isso seria positivo, desse modo foi sustentado um discurso de expulsão dos militares estadunidenses e retorno ao Estado japonês, retomando o assimilacionismo anterior à guerra. Esse discurso parecia viável e foi sustentado até 1951.

As negociações entre os governos dos Estados Unidos e do Japão, que culminaram no Tratado de São Francisco (1951), oficializou o fim do período de ocupação e tutela dos Estados Unidos e a restauração da soberania japonesa. Desta maneira, firmando a retirada dos militares estadunidenses do território nipônico, no entanto, para isso o Japão cedeu Ryukyu/Okinawa para os Estados Unidos, que além de não terem que retirar seus militares do território, receberam aval para expandir seus domínios nas ilhas de Ryukyu/Okinawa. A subalternidade do povo ryukyuno/okinawano foi novamente colocado a mostra, quando o Japão usou do território conquistado como espólio de guerra, elemento de negociação visando interesses próprios.



Figura 2: Mapa da ilha principal do Arquipélago, a ilha de Ryukyu/Okinawa, mostrando o território ocupado pelos Estados Unidos, com suas bases militares, na atualidade. Fonte Military Base Affairs, (2015) disponível em <https://bit.ly/usmilitarybasesryukyu>

Entre 1957 e 1960, a presença militar dos E.U.A. em Ryukyu/Okinawa dobrou, privados de terras e meios de subsistência, muitos ryukyuanos/okinawanos, buscando melhores perspectivas de emprego e sobrevivência, optaram pela emigração, tendo como principais destinos Japão e América (McCormack;Norimatsu, 2018).

Na conjuntura global da Guerra Fria, fomentar um governo ryukyano/okinawano não era opção, manter a subjugação da população e o controle do território era de mais valia para o tabuleiro do Pacífico, tanto o Japão como os Estados Unidos enxergaram Ryukyu/Okinawa como um bem negociável.

Os militares americanos prolongaram a ocupação de Okinawa até 1972, vinte anos após a ocupação do Japão continental, e continuam a ocupar vastas áreas com suas bases até hoje, no que é, infelizmente para Okinawa, uma área conveniente de preparação de armas e tropas para praticamente toda a Ásia (Rabson, 1999, p. 144).¹⁸

A forte presença das bases militares tornou-se parte permanente da paisagem e dinâmica social dos ryukyuanos/okinawanos. Durante os anos que seguiram, as guerras da Coreia e Vietnã também foram vivenciadas pelos ryukyuanos/okinawanos, devido ao uso de seu território como base. Relatos de quem viveu o período revelam um choque cultural grande, desde na arquitetura como na refeição oferecida nas escolas. Akiko Ikehara nasceu e viveu a maior parte de sua infância em uma Ryukyu/Okinawa ocupada por estadunidenses. Seu depoimento foi feito em língua japonesa e legendado em português, ela chegou no Brasil com seus pais em 1972, o ano da reversão. Em seu relato uma passagem se destacou:

E, do outro lado da cerca, é onde vivíamos. Achava que era muito estranho morar numa casa estilo japonesa e do outro lado da cerca ser todo no estilo americano as moradias, e eu morava ali. Também tinha um Campo Hansen, sempre estava rodeado com uma cerca. Eu vivi tudo isso. No Campo Hansen, havia o Portão 1 e o Portão 2, e na frente desse portão havia um lugar como um centro da cidade com letreiros em inglês alinhados, lembro que era um lugar bastante agitado, o letreiro em inglês. Então naquela época, tinha bastante pessoas idosas falando em inglês, porque era comum conviver com americano. Bem, até mesmo pessoas mais velhas, me lembro que era capaz de falar um pouco de inglês. Isso, e outra coisa que me lembro era a merenda escolar, sobre a merenda escolar sempre levávamos uma lancheira feita pela minha mãe, mas a comida que costumavam servir na escola era pão, leite e queijo, me recordo que todos os dias eles serviam isso por pessoa como refeição., então eu me lembro que eles sempre serviam pão, leite e queijo como merenda escolar, mas isso não era a comida da nossa cultura, não estávamos acostumados, eu não estava

¹⁸ The American military prolonged its occupation rule of Okinawa until 1972, twenty years beyond the occupation of mainland Japan, and continues to “occupy” vast areas with its bases to this day in what is, unfortunately for Okinawa, a convenient staging area for weapons and troops to virtually all of Asia. (RABSON, 1999, p. 144)

acostumada com isso, então, ainda tenho memórias que a comida que minha mãe fazia para eu levar era mais gostosa (Ikehara, 2022).

Por quase vinte e cinco anos, os formuladores de políticas do Pentágono insistiram em manter o controle administrativo sobre a maioria das ilhas de Ryukyu/Okinawa para garantir o uso irrestrito deste privilegiado bastião geográfico. Isso resultou em confisco de terras à força, negação de direitos legais e muitos inconvenientes e indignidades para com a população local. No entanto, durante a Guerra do Vietnã, de acordo com Rabson (1999), a oposição local através de manifestações pacíficas e às vezes violentas tornou-se tão perturbadora que até mesmo os militares dos EUA reconheceram que a administração americana prejudicou sua missão e arriscou a utilidade das bases que deveriam garantir. Em maio de 1972, houve o que foi chamado de "Reversão de Okinawa", quando Okinawa voltou a ser parte integrante do Japão, novamente.

1.6 As vozes globais de Ryukyu/Okinawa

A subjugação de Ryukyu/Okinawa pelos Estados Unidos teve início em 1945 e continua até a atualidade. As políticas de intervenção adotadas nesse novo território conquistado podem ser observadas em três momentos: pós-guerra sob a Declaração de Potsdam (1945-1952), governança da USCAR após o Tratado de São Francisco (1952-1972) e a partir da Reversão de Okinawa em 1972, respaldada pelo Tratado de Segurança Mútua de 1960, até os dias atuais.

As alteridades de poder e controle sobre Ryukyu/Okinawa entre Japão e Estados Unidos mostraram uma contínua subalternidade da população local, o imperialismo atracou e ancorou. Partindo da perspectiva argumentada por Said (2007), em que a construção do Outro constitui a base da justificativa dos atos imperialistas, compreende-se que Ryukyu/Okinawa representou esse Outro a ser conquistado e subjugado, funcionando para a reafirmação da própria nação japonesa. Apesar das especificidades do imperialismo estadunidense, conforme afirma Tanji (2017, p.6), o que a situação de Ryukyu/Okinawa perante a história confirma, é a postura de colonizador assumido pelos governos estadunidenses, com a roupagem do discurso democrático capitalista.

O fato dos militares terem permanecido com suas atividades no arquipélago, segundo Taira (1999), reitera a distância entre japoneses e ryukyuanos/okinawanos, o governo japonês com a prática de uma política que combina um paternalismo econômico e opressão político/administrativa, sustenta uma Ryukyu/Okinawa ignorando os ryukyuanos/okinawanos.

A política pós-reversão do Japão de paternalismo econômico e opressão política e administrativa de Okinawa é um produto da defesa de alta prioridade construída em torno da aliança de segurança mútua EUA-Japão, que requer, pelo menos na percepção dos dois governos, uma presença militar contínua dos EUA em Okinawa (Taira, 1999, p. 172, tradução minha).¹⁹

A USCAR (*United States Civil Administration of the Ryukyus*) foi uma administração civil dos Estados Unidos responsável pela governança das ilhas de Ryukyu/Okinawa, foi estabelecida em 1950 e se manteve até a entrega ao controle japonês, em 1972. A USCAR desempenhou um papel significativo na gestão dos assuntos locais. De acordo com Shibata (2022), com destaque para a educação, ao fim de sua gestão havia implementado 683 instituições educacionais, incluindo as três primeiras universidades locais. Shibata por meio de uma análise de como o “eu” e o “outro” foi materializado com a reconstrução educacional empreendida pelos Estados Unidos, aponta para três perspectivas: “a transmissão de valores políticos e a transformação da identidade através da reforma e transferência da educação estrangeira; as justificativas ideológicas que legitimaram a reforma; e o contexto geopolítico e sociocultural em que a reforma foi conduzida e absorvida”.

Os Estados Unidos não apenas buscaram introduzir seus valores democráticos e cultural entre o povo de Ryukyu/Okinawa, mas também destacaram e incentivaram a preservação da herança indígena ryukyana, visando desvincular Ryukyu/Okinawa do Japão. Essa "operação psicológica" promovida pelos Estados Unidos representou uma extensão das estratégias de guerra e desempenhou um papel crucial na abordagem estadunidense para a Ásia no pós-guerra. A transformação psicológica da “auto-identidade” dos habitantes de Ryukyu/Okinawa foi facilitada por meio de iniciativas educacionais, mobilidade estudantil e transferência de valores e sistemas dos Estados Unidos (Shibata, 2022).

Os movimentos de protestos protagonizados pelos ryukyuanos/okinawanos foram a base de análise de Tanji (2006), com o objetivo compreender quais manejos identitários foram assumidos como forma de lidar com o que a autora denomina de *Okinawa Struggle*. A autora mapeou três ondas de protestos que se destacaram. A primeira teria ocorrido na década de 1950, marcada pela oposição da aquisição de terras pelos EUA, envolveu todos os setores sociais o que possibilitou vislumbrar uma unidade no povo local, todos os estratos sociais, classes e ideologias, partidos políticos comunistas, socialistas e conservadores, sindicatos de

¹⁹ Japan's post-reversion policy of economic paternalism and political and administrative oppression of okinawa is a product of the high-priority defense built around the U.S. Japan mutual security alliance, which requires, at least in the two governmnets perceptions, a continued U.S. military presence in Okinawa (Taira, 1999, p. 172).

trabalhadores e professores, e agricultores organizados localmente foram representados nesse momento (Tanji, 2006, p.74).

Porém, com as resoluções do Tratado de São Francisco e o poder concedido a USCAR, na década de 1960, foi observada uma série de manifestações em massa de oposição política à presença dos EUA em Ryukyu/Okinawa, desse modo a segunda onda de protestos. Segundo Tanji, (2006, p.77) o tema principal dessa onda de protesto era a reversão de Ryukyu/Okinawa para o Japão. Durante esse período, a população de Ryukyu/Okinawa buscou coesão por meio de uma forma de identidade nacionalista, mais especificamente, a identidade nacionalista japonesa. A perspectiva predominante do protesto fundamentava-se na autodefinição de Ryukyu/Okinawa como "japonesa", conceito que Tanji (2006, p.77) chamou de "nacionalismo da reversão". Entretanto, as ações coletivas na década de 1960 abordavam várias questões, não se limitando apenas à reversão.

Nesse período, três problemas específicos preocupavam os residentes de Ryukyu/Okinawa: (1) crimes e acidentes atribuídos aos militares dos EUA e disposições injustas de extraterritorialidade contra os locais; (2) suspeita de implantação de armas nucleares na ilha, incluindo paradas de submarinos nucleares no Porto Militar de Naha; e (3) a implantação de B-52s em Ryukyu/Okinawa, sobrevoando para atacar o Vietnã (Rabson, 1989, p.20). Embora, normalmente, lido como objeto de controvérsia na história de Ryukyu/Okinawa, essa identidade japonesa tornou-se proeminente, muitos acreditavam, erroneamente, como se constatou, que esses problemas seriam resolvidos pela Reversão.

A terceira onda de protesto foi marcada pelo caso do crime de estupro de 1995. Após a segunda onda, apesar dos protestos em massa terem sido caracterizados por um extenso período de declínio, Tanji (2006, p.137) observou uma transição dos discursos de protestos provenientes de partidos políticos e sindicatos, para o indivíduo e sua identidade coletiva, ocasionando no questionamento de “quem somos nós, e porque protestamos”.

Em setembro de 1995, em uma cidade próxima à Divisão de Fuzileiros Navais dos EUA na Base de Camp Hansen, no norte de Ryukyu/Okinawa, uma estudante de 12 anos que voltava para casa após fazer compras foi sequestrada, violentada e agredida severamente em uma praia próxima por três soldados estadunidenses. Esse tipo de crime não era novidade para a população local; no entanto, a indignação expressa, inicialmente por um grupo de mulheres e, em seguida, enfatizada pelos meios de comunicação, marcou o fim do prolongado período de relativa calma nos protestos em Ryukyu/Okinawa. As manifestações primordialmente anti-base da década de 1990, refletiram alguns resultados como a latência do *Okinawa Struggle*, a inclusão

dos movimentos feministas e ambientalistas nos protestos, foi responsável por alinhar os conflitos de Ryukyu/Okinawa a uma agenda internacional (Tanji, 2006, p.180).

O anseio pela retirada das bases militares perpassa não apenas as questões internas ryukyuanas/okinawanas, mas atrela-se a uma política internacional bélica promovida pelos E.U.A., como suporte de manutenção de seu domínio global. Em 2012, os E.U.A. reviram sua estratégia militar no Pacífico, ao invés de impulsionar uma única grande base, fortaleceria e movimentaria as bases nas Filipinas, Austrália, Havaí e Iwakuni (Japão), com o argumento de minimizar o risco de ataque chinês. A localização de Ryukyu/Okinawa é considerada vulnerável ao ataque chinês, está no alcance de mísseis, mas a estrutura estabelecida desde 1945 é estratégico para os E.U.A., para o Japão, Ryukyu/Okinawa ainda pode ser enxergada como uma “carta na manga”, pois sustenta o relacionamento entre Japão-E.U.A. (MacCormack; Norimatsu. 2012, p. 107).

A população de Ryukyu/Okinawa compreende que se o Japão quisesse colocar um fim na ocupação estadunidense poderia, os governadores eleitos da Prefeitura de Okinawa também buscam atender as demandas de seu povo, porém o próprio mecanismo político japonês acabam silenciando, mas no século XXI, a sociedade civil vem se organizando e buscando outros caminhos a seguir dentro do contexto mundial.

A Associação de Estudos Abrangentes para a Independência dos Lew Chewans (ACSILs) é formada por e para os “lew chewanos²⁰”, pessoas com raízes étnicas nas ilhas de Ryukyu/Okinawa. Tem como objetivo engajar a pesquisa, debate e ativismo com a premissa de que “lewchewanos” são independentes e exigir a completa remoção das bases militares, assim é como se apresentam em seu website. A ACSILs sustenta uma constante batalha discursiva visando a autonomia dos povos de Ryukyu/Okinawa, fomentando estudos e pesquisas, e com a participação em fóruns e comissões promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU). Em abril de 2023, enviou uma comitiva ao Fórum Permanente das Nações Unidas sobre Questões Indígenas (UNPFII), realizado em Nova Iorque, e apresentou uma carta-denúncia sobre a construção de Henoko e a questão da contaminação de PFAS (substâncias perfluoroalquílicas e substâncias polifluoroalquílicas) por conta da ocupação dos militares estadunidense.

A Associação dos povos indígenas de Ryukyus (AIPR) acompanha o processo, que tem como exigência, que o Japão reconheça e siga as recomendações da ONU. Desde 2014, emitiu o pedido por parte do Comitê para a Eliminação da Discriminação Racial, recomendando que

²⁰ Refere-se a uma das leituras dos kanji que formam o nome de Ryukyu. Sendo que, os chineses leem o Kanji como “Loo Choo, Lew Chew, Liuchiu”; os japoneses leem esse mesmo kanji como “Ryukyu”;

o Japão reconheça os ryukyuanos/okinawanos como um povo indígena, que elaborem medidas concretas para proteger seus direitos, que atue prontamente para proteger as diversas línguas ryukyuanas/okinawanas do perigo de extinção, e ainda, possibilitar que a população local seja educada em sua própria língua, fazendo com que a história e a cultura de Ryukyu/Okinawa sejam incluídas nos livros didáticos usados no currículo escolar regular.

Para Hijino e Vogt (2021), ao analisar as produções acadêmicas que tem Ryukyu/Okinawa como centro, elencaram duas linhas de conflitos identitários predominantes. A primeira, seria uma corrente dentro da literatura que aborda a variedade de identidades dentro do que hoje é a Prefeitura de Ryukyu/Okinawa, a ideia subjacente de trabalhos como esses seria destacar a dificuldade de fazer afirmações concretas sobre uma única identidade ryukyuan/okinawana considerando as especificidades culturais de cada ilha do arquipélago. A segunda linha teria na abordagem histórica o processo de Outrificação (*Othering*), que coloca Ryukyu/Okinawa em relação ao continente japonês, centralizando na questão se Ryukyu/Okinawa é, de fato, uma parte legítima do Estado-nação japonês. O que Hijino e Vogt (2021) constataram em seus estudos, é que a escolha de se afastar do que se entende como identidade nacional japonesa, apoia-se em um posicionamento político em busca de direitos, que pode ser encontrada nas narrativas discursivas anti-base, que também inclui as perspectivas feministas e ambientalistas, e pró-independência que tem o movimento indígenas como suporte. Esses dois discursos se cruzam, mas não necessariamente caminham juntos, o movimento anti-base relaciona-se diretamente com o imperialismo estadunidense, que acontece em diversas outras ilhas do Pacífico, por exemplo em Guam. Enquanto o movimento pró-independência tem a soberania japonesa como interlocutor. Em ambos os casos, o resultado almejado é a soberania do povo ryukyuan/okinawano sob seu território.

A contextualização histórica de Ryukyu/Okinawa permite afirmar que a construção do sujeito subjugado envolve diversas formas de violência, porém, mesmo assim, consegue estabelecer uma identidade única e utilizá-la como forma de resistência. Adotar uma postura oposta à identidade japonesa pode ser interpretado como um argumento discursivo político contra os discursos dominantes.

II

As técnicas são implantadas nas sociedades e nos territórios a partir de uma política. Hoje, a política das empresas globais. Amanhã, a partir da política de Estado, impulsionados pelas Nações.

Milton Santos

2 A MATERIALIALIDADE DO DISCURSO EM TERRITÓRIO DIGITAL

No desdobramento do capítulo anterior, que apresentou uma narrativa histórica para elucidar a identidade dos ryukyuanos/okinawanos, este segundo momento concentra-se na exposição do ambiente e das abordagens de composição do corpus deste estudo, com foco na plataforma de conteúdo digital *TikTok*. Torna-se fundamental compreender tanto o surgimento desse objeto técnico quanto os mecanismos que norteiam sua operação, considerando o contexto da condição humana contemporânea.

A análise direciona-se não apenas para a plataforma em si, mas também para a dinâmica sociocultural que a permeia, promovendo uma compreensão mais abrangente das expressões e interações presentes nesse espaço virtual. Sob a ótica dos conceitos de “*mídium* discursivo” e “*ethos* discursivo”, propostos por Maingueneau (2008, 2018) na Análise do Discurso (AD), investiga-se o *TikTok* como uma plataforma técnica e material que desempenha um papel relevante na comunicação e na transmissão de informações nas interações humanas.

Primeiramente, será realizada uma exposição sobre a origem e o funcionamento do *TikTok*. Em seguida, a atenção será direcionada à compreensão da noção de “*ethos* discursivo” e “*mídium* discursivo”. Ao considerar este último como um elemento constitutivo do “*ethos* discursivo”, busca-se estabelecer, assim, um “*ethos* discursivo específico para o *TikTok*”.

Assim, almeja-se estabelecer os fundamentos para a compreensão do discurso ryukyano/okinawano presente no *TikTok*. Ao focalizar a análise no “*mídium* discursivo”, busca-se explorar a interação entre o “*ethos* discursivo” e esses dispositivos, examinando como contribuem para a formação de identidades discursivas e influenciam as interações no cenário desses ambientes digitais. A intrincada inter-relação entre o “*ethos* discursivo” e os “*mídium* discursivo” ressalta a relevância desses dispositivos na construção de significados e na configuração de espaços discursivos online.

2.1 *TikTok*, Algoritmo e conteúdo digital

O *TikTok* alcançou a impressionante marca de mais de 1 bilhão de usuários ativos em apenas seis anos desde o seu lançamento, superando significativamente o tempo necessário para o *Facebook* e o *YouTube* atingirem essa mesma marca, que foi de doze e treze anos, respectivamente. O jornalista Chris Stokel-Walker compartilha em seu livro "TikTok Boom" uma experiência reveladora na VidCon 2019, realizada em Londres. Durante um painel dedicado ao *TikTok*, ele ficou impressionado com a audiência expressiva, especialmente entre o público jovem. Em contraste com os questionamentos convencionais sobre monetização comuns em painéis do *YouTube*, os participantes direcionaram perguntas práticas sobre como criar vídeos com potencialidade para "viralizar". O relato de Stokel-Walker ressalta a influência do *TikTok*, e os números relacionados ao aplicativo fundamentam sua relevância para este estudo.

De origem chinesa, a Bytedance é uma empresa de tecnologia fundada em 2012, sediada em Pequim. Seu primeiro produto, o Toutiao, lançado inicialmente como um aplicativo de notícias, visava otimizar a busca diária por informações, utilizando um algoritmo para personalizar o conteúdo com base nos interesses do usuário. Yiming Zhang, fundador da empresa, demonstrou sensibilidade às tendências do mercado de microvídeos nos anos seguintes. Em setembro de 2016, lançou o Douyin, a versão do *TikTok* para o mercado chinês, que rapidamente se tornou um sucesso. Com o objetivo de expandir sua presença global, a Bytedance desenvolveu o *TikTok*, que ficou disponível na Google Play Store em maio de 2017.

O diferencial do *TikTok* em relação a outras plataformas reside na inovação da programação algorítmica, que guia a interação entre usuário e conteúdo, ampliando significativamente o alcance. A compreensão do funcionamento da programação algorítmica em plataformas digitais, conforme discutido por Salgado (2021), é crucial para entender a dinâmica da comunicação e das relações sociais contemporâneas. A opacidade algorítmica possibilita a manipulação de dados, informações e pessoas, contribuindo para um sistema de dominação e agravando as disparidades sociais.

Embora a programação que direciona os algoritmos de inteligência artificial seja opaca, a análise realizada na condição de usuária, durante os procedimentos para a coleta de dados destinados à constituição do corpus deste estudo, permitiu identificar diferenças teóricas no algoritmo do *TikTok* em comparação com outras plataformas, como o Instagram e o Facebook. A observação destacou que a principal discrepância está relacionada à forma como o conteúdo é distribuído.

O algoritmo programado pelo *Facebook* e o *Instagram* reflete a teoria dos "Seis Graus de Separação"²¹, ao permitirem que os usuários construam redes de conexões com outras pessoas; essas plataformas digitais simulam uma representação virtual das relações sociais. Portanto, embora as plataformas de redes sociais não sejam projetadas especificamente com base na teoria dos "Seis Graus de Separação", o conceito subjacente de conectividade e interconexão é refletido na maneira como essas plataformas facilitam e representam as relações sociais online. Dessa forma, o conteúdo entregue ao usuário apresenta limitações, pois para ter uma variabilidade de discursos é necessário um maior engajamento e tempo do usuário.

No entanto, o *TikTok* parece alinhar-se com a teoria da "Filtro-bolha", conceito popularizado por Eli Pariser em seu livro de 2011, intitulado "The Filter Bubble: What the Internet Is Hiding from You". Em sua obra, Pariser explora como os algoritmos de plataformas online, como redes sociais e motores de busca, adaptam o conteúdo mostrado aos usuários com base em suas escolhas anteriores. Isso pode levar à criação de "bolhas" de informação ao redor dos usuários, onde predominam exposições a opiniões e informações que confirmam suas crenças já existentes. Pariser argumenta que, embora a personalização algorítmica torne a experiência online mais relevante, ela também pode criar uma visão de mundo limitada, restringindo a diversidade de perspectivas apresentadas. Essa dinâmica se destaca nos indicadores de comportamento que diferenciam o *TikTok*, como o *scrolling* infinito e o alcance ampliado de visualizações.

A proposta do *TikTok* é alimentar seus usuários com um fluxo contínuo de conteúdo selecionado com base em suas preferências e interações, que são cooptadas, analisadas e reorganizadas pelo algoritmo. O objetivo é manter os usuários engajados pelo máximo de tempo possível, enquanto percorrem o conteúdo da plataforma. A plataforma foi projetada para oferecer uma "experiência" de visualização ininterrupta, e cada interação dentro do aplicativo gera dados pessoais que são retidos pelo algoritmo. É dessa forma que ocorre a personalização e distribuição do conteúdo publicado. Mais do que apenas alimentar o usuário com suas preferências, o algoritmo, ao reconhecer e associar padrões de comportamento, prioriza a descoberta e a diversidade de conteúdo, levando o usuário a acessar materiais e discursos anteriormente inimagináveis.

²¹ ideia por trás dos "Seis Graus de Separação" sugere que, através dessas conexões diretas e indiretas, é possível atingir virtualmente qualquer pessoa na rede em algumas etapas. A ideia dos "Seis Graus de Separação" tem suas raízes em experimentos de psicologia social conduzidos na década de 1960 pelo psicólogo Stanley Milgram. O estudo original de Milgram, publicado em 1967, foi intitulado "Small World Problem" (Problema do Pequeno Mundo).

O tempo dedicado à visualização mostrou-se como uma das ações fundamentais para o algoritmo do *TikTok*, que analisa não apenas o tema da mensagem, mas também a forma de edição, a escolha da música, legendas, título, hashtags, localização, idioma, vestimenta, ornamentos, cenário e características físicas da pessoa no vídeo. Cada interação com o aplicativo fornece dados para a programação algorítmica identificar o que mais atrai o usuário. As funcionalidades adicionais, como salvar, comentar e "gostar" do conteúdo, contribuem para a personalização contínua do aplicativo, direcionando-o para agradar e entreter o indivíduo na qualidade de usuário.

Diante da opacidade inerente à configuração algorítmica, desvendar o processo ideológico materializado pelo aplicativo torna-se desafiador e, em certa medida, obscuro. Por outro lado, esse cenário cria um espaço que, ao simular a sensação de "transparência e autenticidade na comunicação", abriga a expressão individual permeada pela construção do sujeito na contemporaneidade. Nesse contexto, as plataformas de conteúdo digital, como o *TikTok*, se apresentam como mediadoras da comunicação que molda as relações e movimentos interpessoais.

Em 2020, dei os primeiros passos nesta pesquisa ao explorar conteúdos que posteriormente se tornariam o corpus do estudo. Inicialmente, minha interação com o *TikTok* era puramente recreativa. No entanto, fiquei intrigada com a rapidez com que o algoritmo identificava o que me atraía, despertando meu interesse e instigando um olhar mais atento para a produção das comunidades asiáticas no continente americano. Um dos desafios que enfrentei para a composição do corpus diz respeito à programação algorítmica, sistema que não possibilita uma visão clara de seu funcionamento. Com a impossibilidade de uma definição exata dessa programação, optei por compartilhar o percurso pessoal como forma de ilustrar o funcionamento do *TikTok*, a fim de estabelecer os limites nos quais o corpus do estudo se situa.

Foram poucos os passos necessários para adentrar no universo em constante evolução do *TikTok*. Bastou desbloquear o telefone, baixar gratuitamente o aplicativo – ou, melhor dizendo, com o "custo" do endereço de e-mail – e criar um perfil com uma "arroba" numérica aleatória (embora o aplicativo tenha prontamente informado que eu poderia trocar o nome de usuário a qualquer momento). Existem duas opções de "abas" para visualizar os vídeos: "Seguindo" (dos usuários seguidos) e "Para você" (o conteúdo com curadoria exclusiva do algoritmo).

Em um primeiro momento, o conteúdo foi genérico²², afinal, o algoritmo ainda não tinha dados suficientes para a personalização. Esse conteúdo genérico incluía a música do momento, a “trend” (o que está em evidência), vídeos com milhões de visualizações e até os famosos vídeos de gatinhos. O simples ato de mudar de vídeo rapidamente informa o sistema que não gostei do conteúdo, e com isso ele vai testando e aprendendo os gostos da pessoa do outro lado da tela. Esse tempo que o *TikTok* demora para começar a entregar de modo efetivo o que o usuário aprecia varia, mas em 2020 foi de no máximo vinte minutos interagindo com o aplicativo.

A primeira característica identificada pelo *TikTok* foi o meu interesse por coreografias ao som de k-pop, que é um conteúdo padrão, visto que o aplicativo surgiu em meio à cultura da música pop asiática e se tornou um dos principais meios de lançamento e promoção de artistas desse nicho. A partir desse ponto, o sistema começou a testar conteúdo relacionado à música e dança de forma geral, observando que, especificamente, as expressões asiáticas despertavam mais interesse. Assim, conteúdos como mangá, anime, dorama, c-drama, k-drama, além de ensino de língua e cultura japonesa, chinesa, coreana, filipina, uchinaaguchi e tailandesa passaram a preencher a minha seção "Para Você". Em pouco tempo, a plataforma passou a apresentar vídeos centrados na etnia e nacionalidade de pessoas de diversas regiões da Ásia, muitos deles seguindo as tendências (*trends*) que desempenham um papel essencial no "*ethos* discursivo" do TikTok, assunto a ser explorado posteriormente.

2.2 Mundo ético *TikTok*

As plataformas digitais e seus conteúdos apresentam uma multiplicidade de camadas discursivas que englobam diversos tipos de *ethos*, muitos dos quais são dificilmente acessíveis devido à natureza opaca dos algoritmos utilizados, característica intrínseca ao ambiente digital. Diante disso, limitei minha análise aos elementos visíveis para compreender o mundo ético promovido pelo *TikTok*.

Identificar a especificidade do *ethos* possibilita uma melhor compreensão da influência do dispositivo material sobre o discurso, ou seja, dos meios de comunicação que dão forma ao discurso, tornando-o concreto. Nesse sentido, destacam-se as plataformas e aplicativos abastecidos com conteúdos discursivos criados por seus usuários.

²² O conteúdo “genérico” referido, considera que o algoritmo ainda não está familiarizado com o usuário, tendo como base para a recomendação de conteúdo informações a localização do usuário.

De acordo com Maingueneau (2020, p.8), o *ethos* é moldado pelo meio, no caso, o *TikTok*, que impõe uma estrutura ao enunciador, ou seja, à pessoa que cria o conteúdo. Isso implica que a maneira como o conteúdo é apresentado ao interlocutor, quem consome o conteúdo, sofre uma intervenção direta do meio, contribuindo assim para a formação do *ethos* específico do *TikTok*, ou seja, o mundo ético do mídiu. Em resumo, destaca-se o meio como parte integrante do enunciado, e o mundo ético mostra-se presente tanto para quem cria quanto para quem consome o conteúdo.

Essa “influência” do *ethos* com o enunciado discursivo respalda a noção de “fiador”, ou seja, sustenta e valida o discurso. O fiador é aquele que confere credibilidade e autoridade ao discurso, muitas vezes associado a um conjunto de valores, normas ou padrões que respaldam a enunciação. Essa figura desempenha um papel importante na legitimação do discurso, contribuindo para a construção do *ethos* do enunciador. A presença do fiador ajuda a estabelecer uma ligação entre o discurso e um mundo ético mais amplo, reforçando a persuasão e a eficácia comunicativa.

O fiador implica ele mesmo um “*mundo ético*” do qual ele é parte integrante e ao qual ele dá acesso. Esse “*mundo ético*” ativado pela leitura subsume um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos; a publicidade contemporânea se apoia massivamente sobre tais estereótipos: o mundo ético dos executivos dinâmicos, os dos ricos emergentes, o das celebridades etc (Maingueneau, 2008, p. 18)

Essa noção destaca a importância das relações entre discurso e *ethos*, considerando o papel do fiador na construção do sentido e na influência do discurso sobre o receptor. Com isso, compreendendo que o *TikTok* não é o produtor do enunciado, mas sim o objeto técnico de transmissão da comunicação, possibilita a compreensão de um mundo ético, com características que se relacionam com cada conteúdo distribuído por sua plataforma.

O *ethos*, então, não é restringido apenas por uma instituição e/ou uma tradição (cena genérica), ou especificado por um locutor (cenografia): ele implica ainda mediadores menos visíveis, que poderíamos chamar de “agenciadores” e cuja função é exatamente configurar agenciamentos (Maingueneau, 2020, p. 143)

O que Maingueneau propõe para o entendimento do mundo ético seria o envolvimento de elementos “agenciadores”, cuja função desempenharia um papel na formação e expressão do *ethos*, atuando como mediadores que moldam e influenciam a caracterização ética no discurso, para além das fronteiras institucionais ou das características individuais do locutor, sendo moldado por influências menos evidentes, mas significativas. Ao lidar com uma plataforma

digital corporativa voltada para o lucro, cujo engajamento do usuário/pessoa é fundamental para viabilizar esse lucro, Maingueneau (2020, p. 158) atribui dois polos ao agenciamento: as noções de "saliência" e "apagamento" do *ethos*.

A “saliência” pode ser observada na materialidade do formato do aplicativo, reforçando a identidade da marca, o que também poderíamos chamar de “*ethos* de marca”. O *TikTok* adota o formato de exibição em tela vertical, com a altura maior que a largura, comumente associado aos dispositivos móveis. Nesse "modo retrato", os enunciados são apresentados visual e interativamente da seguinte forma: a imagem ou vídeo ocupa praticamente toda a tela; na parte inferior, encontram-se as informações, como a fonte do áudio, legenda, hashtags, nome do usuário (@), localização e filtro de edição; à direita, há botões de ação, incluindo o perfil do produtor, indicação de "curtidas", caixa de comentários, opções de salvamento e compartilhamento, além do acesso à fonte do áudio; na parte superior, à direita, há um buscador, opções para visualizar conteúdos "Seguindo" e "Para você", e à esquerda, um atalho para "lives" em andamento.



Figura 3: Print da tela do aparelho celular, ilustrando a forma de apresentação do aplicativo *TikTok*, o enquadramento e os “botões” de ação, mediando o enunciador e o interlocutor.

O produtor de conteúdo, enquanto enunciador, não detém controle sobre o "quadro" (*frame*) estabelecido pelo *TikTok*. Na Figura 3, é possível observar a atenção dedicada à diagramação das informações escritas, como legendas e títulos, levando em consideração os botões de ação que compõem o "quadro". Na primeira imagem, da esquerda para a direita, a legenda "normal" está posicionada abaixo das linhas contendo os botões para as abas

"Seguindo" e "Para você". O mesmo padrão é mantido na imagem do meio, pois posicionar as legendas no topo da imagem resultaria em ofuscamento. Essa mesma lógica se estende às demais legendas, que se concentram no centro, uma vez que a parte inferior do microvídeo é ocupada por informações fixadas pelo aplicativo.

O "apagamento do *ethos*" refere-se ao que permanece invisível, fundamentando-se no esforço para manter uma tecnologia funcional para o usuário/pessoa, sem, no entanto, revelar como são definidas as formas que compõem esse *ethos*. Como previamente discutido, isso está intrinsicamente ligado à programação algorítmica, que, ao cooptar dados pessoais para transformá-los em seleções de conteúdos personalizados, também desempenha função na distribuição desses conteúdos. Essa distribuição, por sua vez, impacta diretamente nos formatos discursivos adotados pelos produtores de conteúdo. Vale ressaltar que o *TikTok* inovou não apenas na programação algorítmica, mas também nas ferramentas de edição de vídeo oferecidas aos usuários/pessoas, permitindo que estes sustentem o mundo ético *TikTok*. Conforme destacado por Maingueneau (2020, p. 145), "o agenciamento não pode restringir totalmente a cenografia", deixando espaço para o "ethos discursivo" de cada conteúdo distribuído.

O editor, assim como os agenciadores, é um mediador situado à sombra, que pode intervir mediante seu *ethos* de marca e também, muito frequentemente, por meio do *ethos* de sua coleção. Esse *ethos* duplo interage com o dos autores, que em geral se esforçam para se fazerem publicar numa coleção e por um editor cujo *ethos* lhes pareça compatível com o do seu texto (Maingueneau, 2020, p. 149)

Aqui, Maingueneau ilustrou o agenciamento por meio do exemplo do editor, que, ao cumprir as responsabilidades inerentes à profissão e assumir um "*ethos* de editor", interage com o autor-escritor, que por sua vez carrega seu próprio *ethos*. Ambos, com o objetivo de publicar um livro (um *mídiu* discursivo), acabam por adotar um "*ethos* duplo". Dessa forma, pode-se estabelecer uma analogia com o *ethos* no mundo ético do *TikTok* e o *ethos* do enunciador. Essa interação é evidente nas ferramentas de edição e nas chamadas *trends* (tendências), que servem como meios para ampliar o alcance de visualizações dos conteúdos.

As *trends* no *TikTok* referem-se a fenômenos populares que abrangem uma variedade de temas, desafios, danças, músicas ou ideias que alcançam uma ampla disseminação e são replicados pelos usuários/pessoas da plataforma. Essas tendências podem surgir de forma espontânea, impulsionadas pelos próprios usuários/pessoas, ou ser criadas e promovidas por marcas e organizações. Elas se manifestam quando um microvídeo ou conceito específico

ganha destaque, sendo adotado e replicado por outros usuários/pessoas, o que resulta em uma cascata de microvídeos relacionados, mas com discursos diversos.

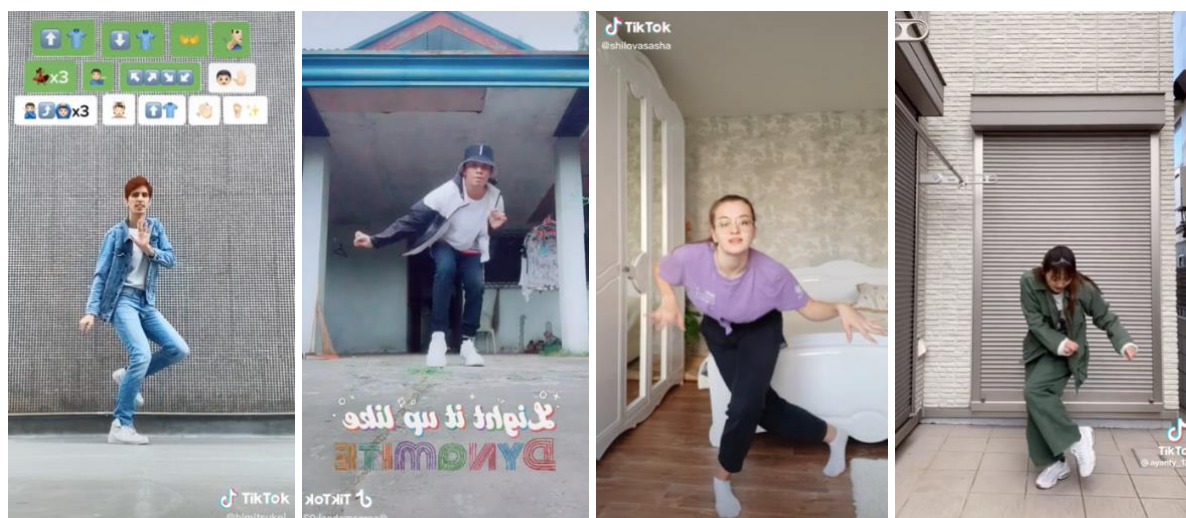


Figura 4: Conteúdo de 2020, usuários encenando a coreografia da música “Dynamite”. Da esquerda para a direita, imagem 1 é um tutorial de dança por @himitsukei; imagem 2 versão de @acegarcia1991; imagem 3 produzida por @shilovasasha; imagem 4 por @ayanti_1221. [Clique aqui para assistir](#)

Um exemplo do emprego das tendências no *TikTok* é evidenciado na indústria fonográfica, onde a promoção de músicas e artistas é acentuada por meio da plataforma. Nesses casos, uma parte específica da canção é escolhida para ser destacada especificamente no *TikTok*, acompanhada de coreografias que são acessíveis a diversos corpos e habilidades. Essa estratégia busca aproveitar o potencial de alcance e engajamento oferecido pela plataforma, atingindo uma audiência ampla e diversificada. Ao adotar e participar das *trends* do *TikTok*, os usuários/pessoas se engajam em uma forma de expressão criativa e interativa, fortalecendo a dinâmica social da plataforma e proporcionando oportunidades de visibilidade e promoção tanto para indivíduos quanto para marcas.

Em agosto de 2020, o grupo coreano BTS lançou sua primeira música em língua inglesa, “Dynamite”, que alcançou mais de 100 milhões de visualizações em pouco mais de 24 horas. Sua coreografia foi replicada e viralizada com a hashtag #BTS_Dynamite e possui mais de 1.8 bilhão de visualizações (NewsRoom TikTok, 2021).

Os prints da Figura 4 ilustram a reprodução da coreografia proposta pelo BTS. Na primeira imagem, da esquerda para a direita, observa-se o ethos discursivo do usuário/pessoa, emulando um professor, compartilha um tutorial de dança com o uso de caracteres visuais e emojis. Como os prints foram feitos a partir dos microvídeos baixados e salvos, não apresentam o frame apontado na Figura 3. Nesse caso, o agenciamento saliente apresenta-se com a logomarca do aplicativo seguido pela arroba do criador do conteúdo.



Figura 5: Conteúdo de 2020 e 2021 da esquerda para a direita, as imagens 1 e 2 são parte do mesmo vídeo de @taysmokedank, ilustrando a interação com o áudio narrador; as imagens 3 e 4 mostram a trend replicadas pelas @shandathapanda e @chinguamiga, respectivamente. [Clique aqui para assistir](#)

Outro formato recorrente de tendência são os desafios, que estimulam a participação ativa dos usuários. Através de um áudio interativo, que se inicia com a pergunta "pessoas asiáticas têm uma habilidade que 99% das pessoas não asiáticas não conseguem fazer, você consegue?", o vídeo prossegue com o usuário reproduzindo o movimento descrito pelo narrador: "Essa habilidade é a de agachar totalmente [...]", referindo-se à tendência "asian squat". Esta trend ganhou notoriedade com milhares de usuários/pessoas do TikTok reproduzindo características culturais comuns do continente asiático, ao mesmo tempo em que destaca as diferentes percepções entre asiáticos e não asiáticos.

Essa tendência viralizada na plataforma destaca a percepção da diferença cultural associada ao ato de agachar. A habilidade de realizar o "agachamento", de maneira confortável, está relacionada a uma boa saúde nas articulações e musculaturas dos joelhos, quadril e tornozelos, não sendo determinada por uma fisiologia étnica, mas sim por hábitos culturais.



Figura 6: Conteúdo de 2021, as imagens ilustram os dois momentos da encenação proposta pela trend, sendo a primeira quanto o participante é questionado "Que asiático você é?", e a segunda com a resposta. Da esquerda para a direita, imagem 1 postada pela @yoleendadong, imagem 2 pela @cutieandthebeast e a imagem 3 de @misamilano. [Clique aqui para assistir](#)

Assim como o algoritmo busca personalizar ao máximo o conteúdo direcionado para cada usuário/pessoa, as tendências exercem estratégias para proporcionar a individualização no ambiente digital, fomentando expressões identitárias. A tendência "What Asian are you?" (Que asiático você é?) busca destacar a diversidade étnico-cultural existente na Ásia. O vídeo começa com uma pessoa em um ambiente e trajas cotidianos, enquanto o áudio questiona: "Que asiático você é?". A transição para a próxima imagem é acompanhada de um efeito visual, na qual a pessoa responde à pergunta, seja por meio de legendas ou imagens de trajas tradicionais que representem sua ascendência. Dessa forma, não apenas ressalta a multiplicidade de origens étnicas dentro do continente asiático, mas também promove a expressão e valorização da identidade cultural dos participantes, conforme ilustrado na Figura 6.



Figura 7: Conteúdo de 2021, as imagens ilustram o momento que os participantes apresentam o país de origem de seus pais, seguidos por sua próprias. Da esquerda para a direita, a imagem 1 postada pelo usuário @hanbyuloppa apresenta uma diferenciação entre origem étnica e a nacionalidade; na imagem 2 e 4 as usuária @3genfam e @oijjapa, respectivamente, enfatizam a diversidade étnica; na imagem 3 o usuário @up2points apresenta sua identificação com o país em que vive. [Clique aqui para assistir](#)

Outro exemplo do universo ético do TikTok envolve uma tendência promovida por uma marca corporativa, que utiliza as oportunidades publicitárias oferecidas pela plataforma. Nesse contexto, as redes de fast-food Pizza Hut e Taco Bell, frequentemente localizadas lado a lado nos Estados Unidos, são representadas. A música do grupo "Das Racist" de 2006, no estilo de hip-hop, cuja letra repete as frases "I'm at Pizza Hut, I'm at Taco Bell, I'm at the combination Pizza Hut and Taco Bell [...]" (Estou na Pizza Hut, estou no Taco Bell, estou na combinação de Pizza Hut e Taco Bell), cria uma sátira sobre a escolha entre Pizza Hut e Taco Bell.

A trend "Pizza Hut and Taco Bell" foi amplamente utilizada como forma de evidenciar as diferentes ascendências étnicas e nacionais, especialmente para indivíduos que se identificam

como birraciais ou multirraciais, sendo frequentemente acompanhada das hashtags #blasian²³, #wasian²⁴, #hafu²⁵ e #half²⁶. A encenação nos vídeos envolve dividir o quadro em "pai" e "mãe", seguindo o ritmo da música para enumerar as características dos pais e, em seguida, combinar essas características com as do participante. O humor surge da distinção entre pai e mãe, explorando possíveis contrastes entre o fenótipo exibido e o estereótipo convencional das ascendências dos genitores.

Certamente, é possível afirmar que o mundo ético se manifesta por meio do agenciamento proporcionado pelo áudio e pelo enquadramento adotado. No entanto, ressalta-se que esse processo não elimina o ethos discursivo do enunciador; ao contrário, integra-se ao discurso por ele produzido. Esse dinamismo do mundo ético *TikTok* é possibilitado por inserir-se na condição de mídiu discursivo, configurando um ambiente multifacetado, onde ambos os elementos coexistem e contribuem para a construção da identidade discursiva no contexto do *TikTok*.

2.3 Mídiu discursivo: TikTok como objeto técnico e transmissor de discursos

Maingueneau fundamentou-se nos estudos midiológicos de Debray para desenvolver a noção de "mídiu discursivo" como um conceito teórico-metodológico da Análise do Discurso (AD). O termo "mídiu", conforme explicado por Salgado (2021), "é central na midiologia, que investiga as mediações (e não apenas os meios de comunicação)". Sob essa ótica, o mídiu é o objeto técnico que materializa o discurso.

Não obstante, para tornar pensável o surgimento de uma obra, sua relação com o mundo no qual surge, não podemos separá-la de seus modos de transmissão e de suas redes de comunicações. [...] a transmissão do texto não vem depois de sua produção; a maneira como o texto se institui imaterialmente é parte integrante de seu sentido (Maingueneau, 2018, p.212)

A citação ressalta a ligação intrínseca entre a criação de uma obra e seus métodos de disseminação e comunicação com o mundo ao seu redor. O autor argumenta que a transmissão de um texto não é uma fase posterior à sua produção, mas sim um elemento integral e coetâneo ao próprio processo de criação. A maneira como o discurso se estabelece no domínio imaterial

²³ Referente a combinação das palavras *Black* e *Asian*

²⁴ Referente a combinação das palavras *White* e *Asian*

²⁵ Relativo à forma como a língua japonesa se refere a pessoas birraciais

²⁶ Relativo a uma das formas como a língua inglesa se refere a pessoas birraciais

da comunicação é considerada parte inseparável de seu significado. Isso implica que a forma como um discurso é compartilhado, distribuído e recebido contribui ativamente para a construção do sentido e da compreensão, destacando a importância das redes de comunicação na contextualização e interpretação das produções culturais.

Salgado e Delege (2018) exploraram o conceito de "*mídium*" como uma construção intrincada que envolve não apenas a transmissão de informações, mas também as complexas interações entre a sociedade, as práticas discursivas e os objetos técnicos, destacando a importância de considerar esses elementos em conjunto para uma compreensão mais abrangente.

O *mídium* é, então, um imbricamento do que se tem referido nos estudos discursivos por circulação com o que se costuma referir, mais amplamente, nos estudos da linguagem por suporte. Sem estabelecer uma relação biunívoca de noções, pode-se dizer, enfim, que o *mídium* se define na articulação de um *vetor de sensibilidade* a uma *matriz de sociabilidade* (DEBRAY, 2000b). Essas matrizes (institucionalidades fiadoras de discursos) são *organização materializada* (OM), ou seja, o modo como a sociedade disciplina práticas e cultiva valores produzindo sistemas de objetos técnicos. Esses vetores (dispositivos inscricionais que afetam os sentidos de um texto e eventualmente até mesmo do que é um texto) são *matéria organizada* (MO), os próprios objetos técnicos que resultam de lógicas de uso e impõem lógicas de uso, nem sempre coincidentes, e que convivem também com resistências ou apropriações não previstas (Salgado;Delege; 2018, p. 377).

Com isso, podemos considerar que o *mídium* não é simplesmente um veículo neutro de transmissão, mas sim uma construção complexa que envolve tanto o "vetor de sensibilidade" quanto a "matriz de sociabilidade". A "matriz de sociabilidade" refere-se às instituições e estruturas sociais que sustentam os discursos. Essas instituições, ou "matrizes", representam a organização materializada (OM) da sociedade, ou seja, como ela disciplina práticas e cultiva valores, produzindo sistemas de objetos técnicos. Aqui, a noção de "*mídium*" está intrinsecamente ligada à forma como a sociedade organiza suas práticas e valores, refletindo em objetos técnicos.

Os vetores, por outro lado, são os dispositivos "inscricionais" que afetam os sentidos de um texto. Eles representam a *matéria organizada* (MO), ou seja, os próprios objetos técnicos que resultam de lógicas de uso e impõem lógicas de uso. Esses objetos técnicos coexistem com resistências ou apropriações não previstas, destacando a dinâmica complexa entre a sociedade, os discursos e os objetos técnicos.

As plataformas digitais e seus aplicativos desempenham um papel de destaque no contexto contemporâneo da sociedade global, transformando as interações humanas e

redefinindo a percepção de tempo e espaço. A expansão tecnológica desses objetos tem alterado significativamente a dinâmica das redes de interação humana.

2.4 Coleta de dados

Para estabelecer as etapas a serem seguidas para coletar os dados (microvídeos) disponibilizados pelo aplicativo *TikTok*, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em estudos acadêmicos que tinham o *TikTok* como objeto de análise. Dessa pesquisa, constatou-se que não havia um padrão definido de como conduzir essa coleta de dados para análise.

No artigo intitulado "Protesting the Protest Paradigm: TikTok as a Space for Media Criticism," escrito por Literat, Boxman-Shabtai e Kliger-Vilenchik (2023), a coleta de dados foi feita por meio do buscador do TikTok, utilizando as palavras-chave "news", "media" e "protest" para formar o corpus a ser analisado. No estudo de Zhao e Abidin (2023), intitulado "The 'Fox Eye' Challenge Trend: Anti-Racism Work, Platform Affordances, and the Vernacular of Gesticular Activism on TikTok," a coleta de dados baseou-se na busca por hashtags específicas, como #FoxEyeTrend, FoxEyeChallenge e #FoxEye.

Outro exemplo é o estudo de Jacques, Basch, Fera e Jones II, que, ao investigar o tema "#StopAsianHate: A content analysis of TikTok videos focused on racial discrimination against Asians and Asian Americans during the COVID-19 pandemic," utilizou-se a hashtag #StopAsianHate. Os pesquisadores selecionaram os 100 primeiros vídeos em língua inglesa, excluíram 25 vídeos não relacionados ao tema e analisaram o restante.

No estudo "Algorithmic Folk Theories and Identity: How TikTok Users Co-Produce Knowledge of Identity and Engage in Algorithmic Resistance," conduzido por Karizat, Delmonaco, Eslami e Andalibi (2021), a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas com criadores de conteúdo residentes nos Estados Unidos, utilizando um serviço de recrutamento de pesquisa.

Dessa forma, percebe-se que, ao utilizar o *TikTok* como fonte de dados, os pesquisadores adotaram diferentes abordagens, como a busca por palavras-chave, hashtags ou entrevistas com usuários, demonstrando a diversidade de métodos aplicados na coleta de informações para análise acadêmica.

O mecanismo de busca do *TikTok* opera como um motor de pesquisa abrangente, permitindo a inserção de frases, palavras, localizações, hashtags, nomes de músicas, artistas e usuários. Isso se diferencia de outras plataformas, como o Instagram, onde o motor de busca é restrito a hashtags, localizações e nomes de usuários. A peculiaridade do algoritmo do *TikTok*

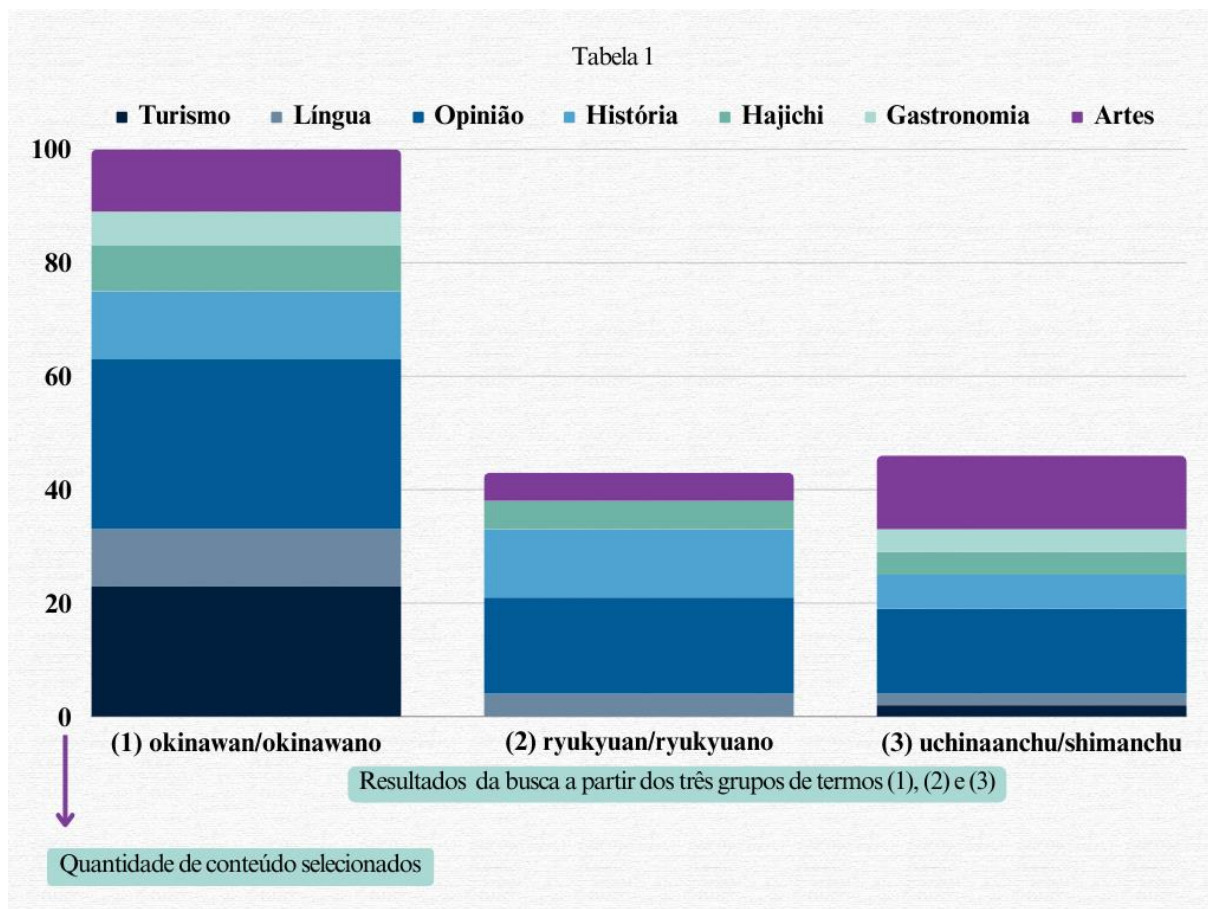
está na priorização do conteúdo, assegurando que os resultados do buscador não se limitem apenas aos microvídeos mais visualizados ou provenientes de usuários com maior popularidade.

Ainda em relação à intransparência algorítmica, foram realizados alguns testes para verificar se havia diferença nos resultados. O primeiro teste foi realizado para verificar se havia diferença no funcionamento do aplicativo do TikTok nos sistemas operacionais Android e iOS. Constatou-se que não houve diferença; o buscador funcionou da mesma forma, produzindo os mesmos resultados. Um segundo teste foi conduzido para verificar se haveria diferença nos resultados entre um usuário novo e um usuário com cadastro já existente. Constatou-se que não houve diferença, pelo menos não no momento do teste (junho de 2023). Durante o intercâmbio acadêmico realizado no início de 2023, aproveitei para realizar um terceiro teste. Este buscou verificar se a geolocalização do IP poderia alterar os resultados da busca. Testei com perfis diferentes, tanto no Android quanto no iOS, com IPs situados em Auckland, Boston e São Paulo, e os resultados foram os mesmos.

Após revisar a abordagem adotada por outros pesquisadores em seus estudos sobre o TikTok, bem como os testes relacionados ao seu algoritmo, deu-se início à primeira etapa da coleta de dados. Esta foi realizada por meio da ferramenta de busca interna da plataforma, segmentando a pesquisa em três grupos de termos distintos: (1) okinawan/okinawano, (2) ryukyuan/ryukyuno e (3) uchinaanchu/shimanchu. Esses termos são utilizados para se referir às pessoas com ascendência no arquipélago e subarquipélagos de Ryukyu.

Na fase inicial, foram selecionados 187 microvídeos, os quais foram organizados em uma tabela que contempla informações como a data de postagem, quantidade de curtidas, identificação do usuário, número de visualizações e hashtags. Em uma segunda fase, foi realizada uma categorização, classificando-os em sete tópicos temáticos.

A Tabela 1 apresenta os dados coletados organizados considerando os três grupos de termos e a categorização por tópicos temáticos definidos. A primeira constatação foi a diferença numérica nos resultados entregues pelo buscador de acordo com o grupo de termos utilizados. Para a seleção, consideraram-se os conteúdos em línguas portuguesa, inglesa e espanhola; eliminaram-se os conteúdos repostados ou que demonstrassem não serem de autoria do usuário referenciado. A busca com o maior número de resultados apresentados foi a do grupo (1); como a ferramenta não permitia mensurar o número total de resultados, foram incluídos os cem primeiros microvídeos. Para os grupos (2) e (3), observou-se que apenas os primeiros resultados estavam diretamente associados com os termos buscados. Dessa forma, foi possível selecionar 44 microvídeos para o grupo (2) e 45 para o grupo (3).

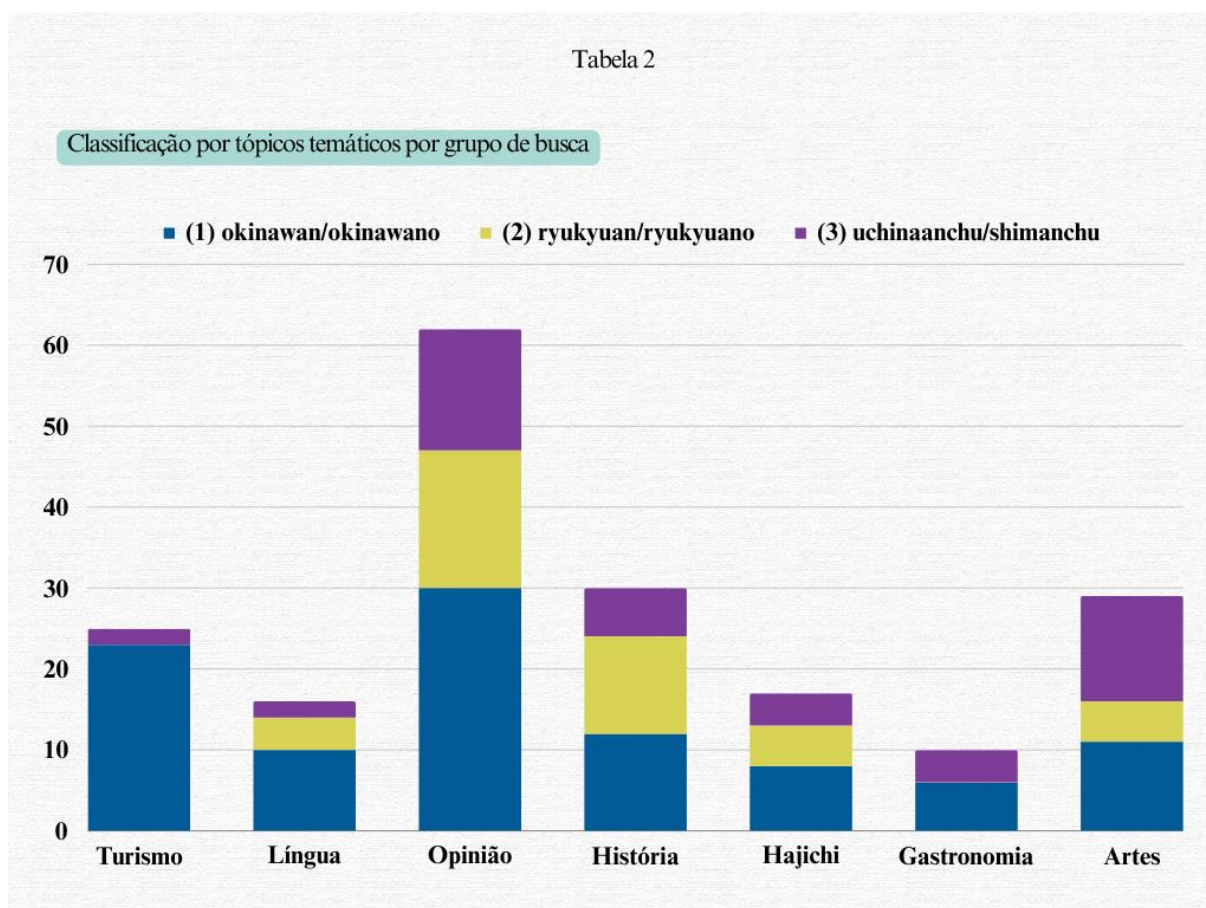


A categorização por tópicos temáticos foi adotada como um primeiro filtro para os dados coletados. Ao revisar os dados, identificou-se a necessidade de classificá-los com base nos temas abordados pelos conteúdos. Dessa forma, as sete categorias foram concebidas considerando os seguintes temas:

- **Turismo:** Aborda a divulgação de Ryukyu/Okinawa como destino turístico, publicidade, dicas sobre locais a visitar, opções de restaurantes, sugestões de hospedagem e atividades a serem realizadas.
- **Língua:** Inclui conteúdos relacionados ao ensino da língua, curiosidades linguísticas, diferenças em relação à língua japonesa e peculiaridades do sotaque japonês-okinawano.
- **Opinião:** Engloba os pontos de vista expressos pelo autor ou criador do conteúdo, abrangendo reflexões, observações pessoais, experiências de vida e aspectos relacionados ao autorreconhecimento como ryukyuanu/okinawano.
- **História:** Dedicar-se ao ensino de história, com ênfase em eventos como a Batalha de Okinawa e o Reino de Ryukyu.

- Hajichi: Refere-se a tatuagens tradicionais ryukyuanas/okinawanas.
- Gastronomia: Inclui receitas culinárias, divulgação de restaurantes e apresentação de pratos típicos da região.
- Artes: Envolvem expressões culturais, como dança, música, artes marciais, pintura e cerâmica.

Com exceção da categoria Turismo²⁷, todas as demais estão associadas a indicadores identitários culturais. Cada categoria - Língua, Opinião, História, Hajichi, Gastronomia ou Artes - contribui para a representação cultural de Ryukyu/Okinawa. Esses temas fornecem insights valiosos sobre a identidade e a diversidade dessa região, abordando desde aspectos linguísticos até expressões artísticas e históricas que refletem o vínculo cultural da comunidade.



O grupo (1), com os termos *okinawan* e *okinawano*, tem como atributo serem palavras de origem japonesa, constituindo um discurso dominante japonês. Foi com esse grupo que os

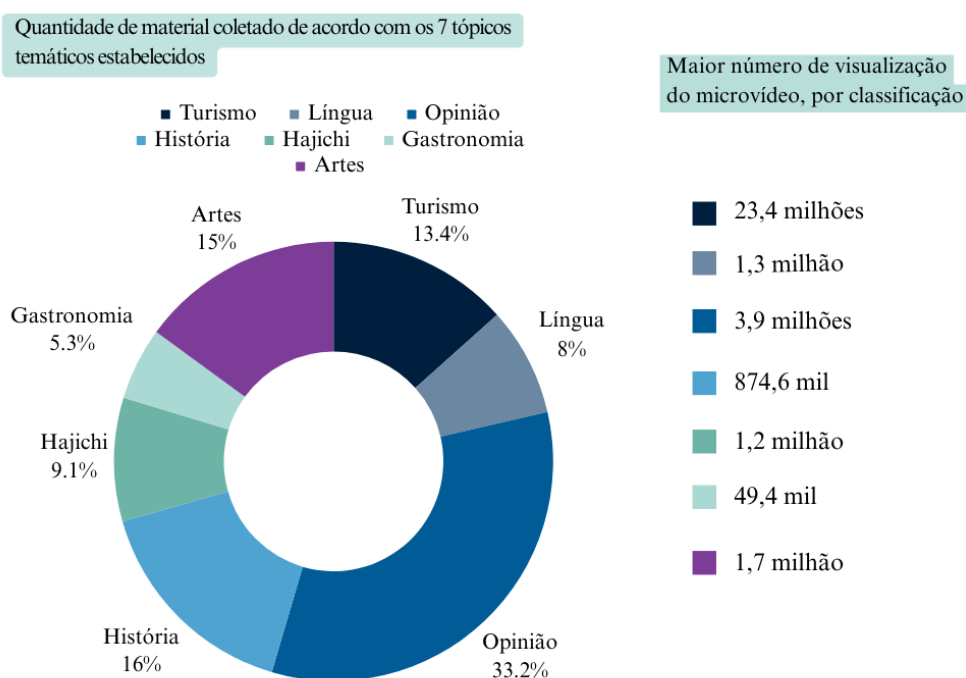
²⁷ Vide TADA, Osamu. Constructing Okinawa as Japan's Hawai'i: From Honeymoon Boom to Resort Paradise, *Japanese Studies*, 2015, 35:3, 287-302, DOI: 10.1080/10371397.2015.1124745

resultados classificados como Turismo tiveram maior ocorrência, como demonstra a Tabela 2. No grupo (2), ryukyuan/ryukyano, não houve ocorrência dessa categoria, o que pode indicar um “paradigma incendiário” (Ginzburg, 1989) da distinção entre o discurso japonês e o ryukyano/okinawano, o discurso soberano e o subalterno.

Conforme ressaltado por Schellewald (2021), uma das categorias de vídeos no *TikTok* é identificada como "documentário", destinada a expressar a individualidade, abordar aspectos da vida pessoal ou documentar eventos atuais. Neste estudo, essa categoria é denominada "Opinião" ao enquadrá-la na classificação por tópicos temáticos, e como evidenciado pela Tabela 2, destaca-se em termos de quantidade. A prática de documentar e compartilhar experiências pessoais não é exclusiva do *TikTok*, no entanto, de acordo com Schellewald, dois fatores tornam o *TikTok* particularmente propício para esse tipo de discurso: a "memeificação" da vida cotidiana e a efemeridade do conteúdo, com a maioria dos vídeos tendo 15 segundos.

História e Artes são os dois tópicos que também se destacam. Possuem um conteúdo com abordagem explicativa e informativa. Os assuntos históricos, principalmente a Batalha de Okinawa e o Desmantelamento de Ryukyu, são temas recorrentes, enquanto a expressão cultural através de diferentes formas artísticas, como dança, música, artes marciais, pintura e cerâmica, incluem-se na classificação Artes, também com um tom explicativo.

Tabela 3



A Tabela 3 proporciona uma visão abrangente ao reunir dados gerais resultantes das três buscas de grupos distintos, destacando-se, ainda, o número de visualizações obtido pelo vídeo de maior destaque em cada tópico temático classificado.

Destaca-se a categoria Hajichi, que, em comparação com Artes, abrangendo diversas formas de expressão cultural, se destaca como uma prática singular de tatuagem específica de Ryukyu/Okinawa. Isso evidencia a proeminência da temática Hajichi nas discussões sobre a região, em relação a outras expressões artísticas e culturais encontradas.

A coleta de dados permitiu visualizar os conteúdos discursivos disponíveis no TikTok relacionados a Ryukyu/Okinawa, possibilitando constatar a presença de um discurso ryukyano/okinawano na plataforma, revelando vozes historicamente subjugadas. Através do levantamento e classificação dos conteúdos, foi possível mapear e compreender como as comunidades vinculadas a Ryukyu/Okinawa utilizam o TikTok como meio de comunicação. Ao divulgar perspectivas ryukyuanas/okinawanas, contribuem para o fortalecimento e manutenção de sua cultura.

III

A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais.

Ailton Krenak

3 ANÁLISE DAS VOZES RYUKYUANAS/OKINAWANAS

As transformações nas dinâmicas sociais relacionadas à autorrepresentação individual, especialmente à luz das mudanças nas tecnologias dos objetos técnicos, segundo Maingueneau (2020, p. 167), podem ser observadas com o afastamento das questões doutrinárias e de seus dispositivos, ocasionando transformações com ênfase na forma de apresentação individual como um elemento central. Maingueneau destaca essa transição na comunicabilidade como parte de uma mudança social abrangente, em um contexto de desafios como a crise de representação, a influência da publicidade, as mudanças econômicas e os avanços tecnológicos.

Uma análise crítica das novas tecnologias de comunicação e informação revela seu impacto na forma como as pessoas moldam sua autoimagem. A conexão semântica entre essas mudanças e o conceito de "*ethos*" destaca a importância da construção de uma credibilidade pessoal nesse novo cenário, destacando o *ethos* como um componente fundamental nessa dinâmica social emergente

Na realidade, esse *ethos* discursivo põe em interação um *ethos* mostrado, decorrente da maneira de falar, e um *ethos* dito, aquilo que o locutor diz de si mesmo enquanto enuncia, por exemplo, ser ele um homem simples, que ama seu país etc. Porém, enquanto o *ethos* mostrado é uma dimensão constitutiva de toda enunciação, o *ethos* dito não é obrigatório: o locutor nem sempre fala de si mesmo. No interior do *ethos* dito, podemos isolar um *ethos* propriamente verbal, que incide sobre as propriedades da própria enunciação “não sei falar em público”, “não gosto de muita falação”... De fato, a distinção entre *ethos* dito e mostrado e *ethos* dito verbal e não verbal se inscreve em um *continuum*: é impossível definir fronteira nítida entre “dito”, quando ele é sugerido, e o “mostrado”, entre os comentários sobre a fala e o que não decorre disso (Maingueneau, 2020, p. 12).

Existe uma diferenciação entre o "*ethos* mostrado", inerente a toda forma de comunicação, e o "*ethos* dito", no qual o locutor descreve explicitamente aspectos de sua própria identidade e caráter. Essa distinção é essencial para compreender como os indivíduos se apresentam e são percebidos em diversos contextos comunicativos. O "*ethos* mostrado" é

uma característica inevitável de qualquer ato comunicativo; a cada fala, revelamos, intencionalmente ou não, certos aspectos de nosso caráter. Em contraste, o "*ethos* dito" não constitui um elemento obrigatório na comunicação. Cabe ao locutor decidir se deseja ou não falar explicitamente sobre si mesmo. O "*ethos* dito" possibilita que o locutor construa sua identidade de maneira mais controlada e deliberada, enquanto o "*ethos* mostrado" é mais sutil e frequentemente inconsciente, revelando traços de caráter e identidade não apenas pelo conteúdo, mas pelo modo como algo é expresso. Essas interpretações reforçam que a maneira como os indivíduos discorrem sobre si mesmos e como se apresentam, mesmo sem declarações explícitas sobre sua identidade.

O discurso é assumido por um sujeito e supõe um centro dêitico, fonte de pontos de referência de pessoa, tempo e espaço; tem como um dos seus eixos a reflexão sobre as formas de subjetividade supostas pela enunciação. Além disso, o discurso supõe a atribuição da responsabilidade dos enunciados a diversas instâncias usadas na enunciação. A distinção entre o "centro dêitico" e a "fonte do ponto de vista" sugere que o locutor, enquanto centro dêitico, e o ponto de vista que ele expressa, ou seja, a fonte do ponto de vista, podem não coincidir. Essa separação é fundamental para entender como as narrativas de grupos marginalizados são moldadas por amplos contextos sociais e culturais (Maingueneau, 2018, p. 42).

Partindo da hipótese de que existe um discurso identitário ryukyano/okinawano que contrasta com o discurso predominante japonês²⁸, selecionamos quatro microvídeos para análise a fim de examinar como essa expressão identitária se manifesta. Para conduzir essa análise, adotaremos as noções de "*ethos* mostrado" e "*ethos* dito" como fundamentos metodológicos e analíticos. A análise se estende ao estudo de como indivíduos ou grupos constroem suas identidades diante de pressões externas, desvendando as estratégias através das quais podem adotar, resistir ou negociar as perspectivas que lhes são impostas. Assim, investigar essas dinâmicas de poder na comunicação revela-se imprescindível para entender como elas afetam a representação e a expressão de vozes subalternas.

²⁸ O discurso identitário japonês é amplamente explorado por Hook e Siddle (2002) na obra *Japan and Okinawa: Structure and Subjectivity*; por Oguma em *A Genealogy of Japanese Self-Image* (2002) e *The Boundaries of 'the Japanese' – Okinawa 1818-1972: Inclusion and Exclusion* (2014).

3.1 Cartas de amor aos antepassados

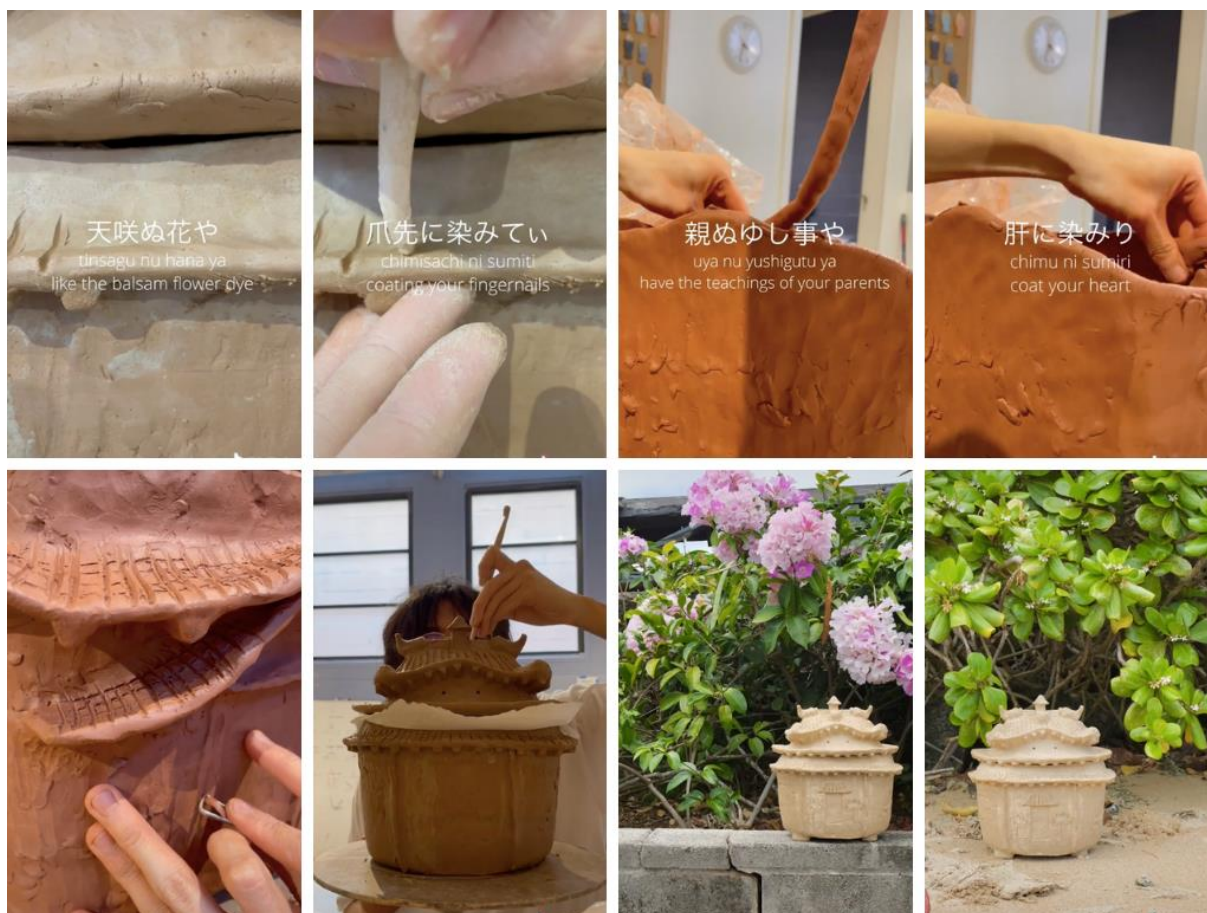


Figura 8: print de frames do conteúdo produzido e postado por @umeboi, duração 1:30 minutos, 9 mil visualizações. [Clique aqui para assistir](#)

O vídeo se inicia com um *close* nas mãos de um artesão esculpindo meticulosamente detalhes em uma peça de cerâmica. Ao fundo, a trilha sonora da música *Tinsugu nu hana* preenche o ambiente, enquanto a letra da canção se desenha em cor branca no centro da tela, apresentada em hiragana/kanji/romanizada²⁹ e traduzida para o inglês. A partir do vigésimo quarto segundo, a música continua, mas uma voz narrativa assume o primeiro plano. A imagem permanece focada no artesão, que continua a moldar a peça de cerâmica. Ao longo do vídeo, somos conduzidos por diversas etapas do processo de produção, culminando, somente aos 58 segundos, na visualização completa da peça ornamentada. Um minuto e dezoito segundos marcam o início de uma sequência de fotos de urnas semelhantes àquela que estava sendo confeccionada. A primeira urna repousa sobre um muro de pedras, com um arbusto florido ao

²⁹ A língua uchinaaguchi utiliza o mesmo sistema de escrita da língua japonesa, composto por sistemas silábicos – hiragana e katakana – e por caracteres logográficos – kanji. Quando a língua uchinaaguchi ou japonesa é representada com o alfabeto romano, utiliza-se o termo "romanizado".

fundo; a segunda encontra-se sobre a areia, evocando a atmosfera de uma praia, com um arbusto ao horizonte; a terceira é revelada em um vídeo, exibindo a urna após o processo de queima, posicionada em um balcão ao lado das três urnas previamente apresentadas.

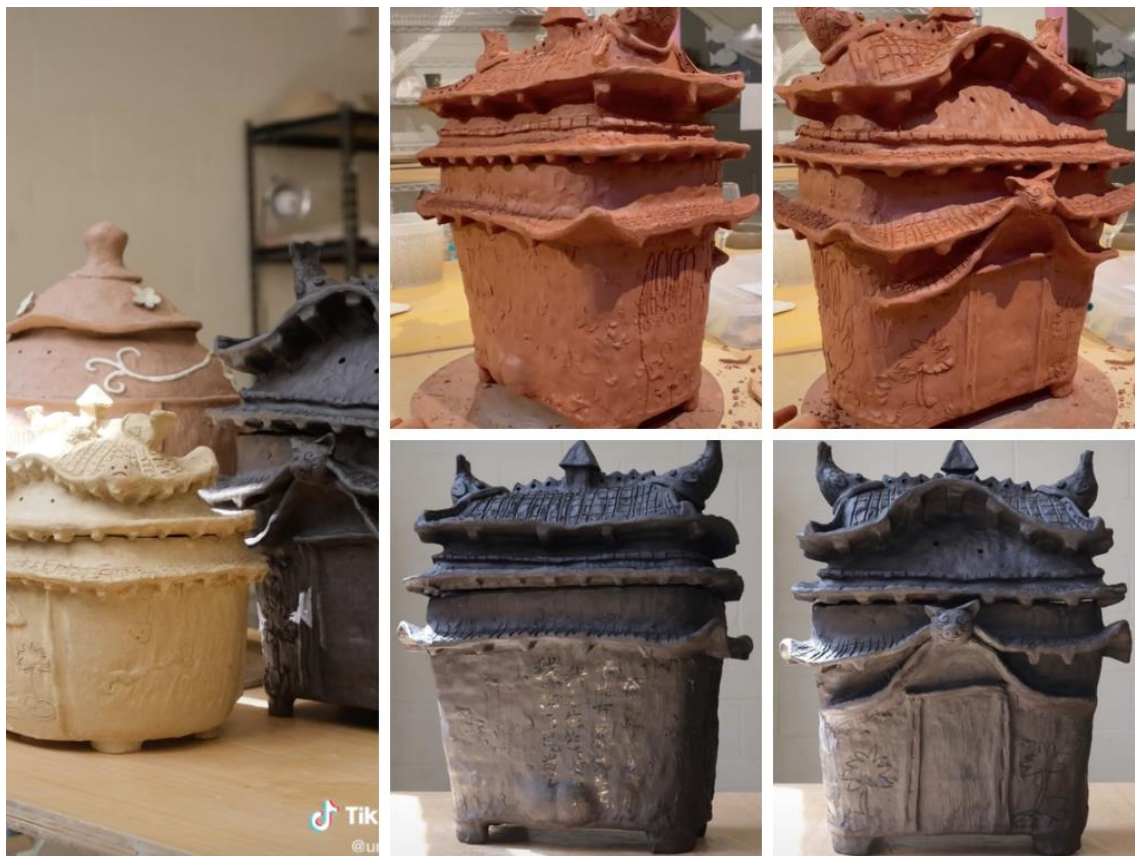


Figura 9: Prints de frames (quadros) do microvídeo. As quatro imagens da direita é a urna funerária em construção durante o vídeo.

A transcrição do áudio do narrador encontra-se abaixo.

[canção inicial]

tinsagu nu hana ya (Assim como a tintura da flor de bálsamo)
 chimisachi ni sumiti (colore suas unhas)
 uya nu yushigutu ya (tenha os ensinamentos de seus pais)
 chimu ni sumiri (como revestimento para o seu coração)

[voz do narrador]

Quando eu era mais jovem, ouvia essa música tanto em festas quanto em funerais, sem realmente saber o que ela significava. **Não sei falar shimakutuba ou okinawan**, e, na verdade, só comecei a me apresentar como meio [half³⁰] shimanchu recentemente. **Ao longo de quatro ou cinco gerações, minha família perdeu a capacidade de falar shimaguchi e**

³⁰ *Half* é uma das formas da língua inglesa de expressar quando uma pessoa possui ascendência de duas etnias ou nacionalidades distintas. Outra forma seria *mixed race*, por exemplo. No Brasil, quando um dos genitores possui ascendência asiática, é comum usar o termo "mestiço", mas não há consenso sobre o termo.

muitas de nossas práticas culturais. Mas, enquanto pesquisava cerâmicas de Okinawa, encontrei esses estilos tradicionais de urnas funerárias, ou *jishigami*. Eles iniciaram sua tradição de as pessoas fazerem suas próprias urnas como um meio de se preparar para deixar esta terra, e para mim, foi uma daquelas raras instâncias em que finalmente pude ver algo que era distintamente e identificavelmente de Okinawa. Isso me levou à minha mais nova série, onde continuarei a fazer essas urnas como uma forma de **lamentar a perda da cultura de minha família, enquanto também celebro sua sobrevivência.** Eu meio que penso nessas peças como minha maneira de escrever **cartas de amor para meus ancestrais** (2022, @umeboi, tradução e grifos meus)³¹.

Os fluxos migratórios de pessoas provenientes de Ryukyu/Okinawa tiveram início após a ocupação do Japão. Ao chegarem aos seus destinos, esses imigrantes eram oficialmente registrados como japoneses, juntamente com outros imigrantes oriundos do Japão continental. Antes mesmo de emigrarem, os ryukyuanos/okinawanos já enfrentavam os efeitos dos processos de assimilação impostos pelo colonialismo japonês. Essas práticas incluíam a proibição do uso das línguas locais e a alteração das práticas espirituais para se adequarem ao xintoísmo.

O primeiro fluxo migratório ocorreu em 1899, com destino aos Estados Unidos, em sua maioria ao Havaí. A anexação do Havaí aos territórios estadunidenses foi oficializada em 1898, resultando na demanda por mão de obra nas plantações de cana-de-açúcar. Isso levou à contratação de 36 ryukyuanos/okinawanos para trabalhar nas fazendas havaianas. Em 1902, houve um segundo fluxo para o Havaí, mas dessa vez sem o contrato de trabalho. No Brasil, em 1908, chegou o *Kasato-Maru*, o primeiro navio com imigrantes japoneses a desembarcar no porto de Santos, com 325 ryukyuanos/okinawanos e 456 japoneses.

A dinâmica do fluxo migratório do Japão (que incluía os ryukyuanos/okinawanos) para a América transferiu não apenas sua própria cultura, língua e identidade para terras distantes, mas também transportou em sua diáspora a relação de contraste e distinção existente entre ryukyano/okinawano e japonês.

A distância do local de origem e a necessidade de adaptação ao novo território, à sociedade e aos governos anfitriões são fatores que marcaram a perda cultural do lugar de

³¹ “When I was younger, I would hear this song at both parties and funerals, never really knowing what it meant. I don't know how to speak shimaguchi or okinawan, and, in fact, I didn't really start introducing myself as half shimanchu until recently. Over the course of four to five generations, my family lost their ability to speak shimaguchi and a lot of our cultural practices. But while researching Okinawan ceramics, I came across these traditional styles of burial urns, or *jishigami*. They started off their tradition of people making their own urn as a mean of preparing for themselves to leave this earth, and for me, it was one of those rare instances where I was finally able to see something that was uniquely and identifiably Okinawan. which has led me to my newest series where I will continue to make these urns as a means of mourning my family's loss of our culture while also celebrating its survival. I kind of think of these pots as my way of writing love letters to my ancestors.”

origem, ao mesmo tempo em que possibilitaram variações e releituras de costumes e tradições culturais características desse povo (Souza, 2009).

A falta de conhecimento das línguas ryukyuanas/okinawanas, como mencionado pelo narrador - "Não sei falar shimakutuba ou okinawan" - permeia esse processo histórico. Além disso, ao utilizar os termos "shimakutuba" e "okinawan", que são nomes genéricos referentes à região como um todo, o significado de shimakutuba não condiz a um lugar específico no arquipélago; é um termo comumente traduzido como "vilarejo", isso é, "pessoa da ilha", "pessoa da vila ao lado". Da mesma maneira, o uso de "okinawan", que é o termo em inglês para "língua de Okinawa", mais uma vez genérico, pois não há apenas uma língua no Arquipélago.

A adoção do termo pelo narrador, possivelmente acontece por não ter conhecimento da localidade exata da origem dos seus antepassados. No que podemos identificar como *ethos* dito, observa-se uma lacuna na conexão linguística com a cultura em questão por conta do narrador. Ao mencionar "Ao longo de quatro ou cinco gerações, minha família perdeu a capacidade de falar shimakutuba e muitas de nossas práticas culturais", o narrador expressa esse movimento resultante da imigração e os processos históricos de seus antepassados, que sofreu impactos do discurso dominante imposto pela colonização japonesa.

No *ethos* mostrado, onde se entrelaçam os fragmentos do *ethos* dito, emerge o discurso identitário ryukyuno/okinawano. O narrador revela sua exploração pela identidade cultural ao investigar cerâmicas de Okinawa, especialmente as urnas funerárias tradicionais, conhecidas como *jishigami*. A narrativa destaca a relevância do narrador em se reconhecer como "meio shimanchu", evidenciando uma jornada de reconexão com suas raízes étnicas. A opção por criar urnas funerárias em uma nova série é apresentada como uma expressão de luto pela perda da cultura familiar, ao mesmo tempo em que representa uma celebração de sua sobrevivência. A metáfora de "escrever cartas de amor para meus ancestrais" transmite uma dimensão emocional e afetiva do *ethos*, revelando um compromisso profundo com a preservação e honra das tradições familiares.

O *ethos*, seja ele expresso de forma explícita ou implicitamente demonstrado, desempenha um papel na construção da identidade cultural do narrador e na mensagem global do microvídeo acerca da relevância da preservação cultural e do vínculo com as raízes ryukyuanas/okinawanas.

3.2 Na casa da obá



Figura 10: print de frames do conteúdo produzido e postado por @gohanplz, duração 1:14 minutos. [Clique aqui para assistir](#)

O vídeo se inicia com a visão de uma bancada de cozinha com tonalidade de madeira. Ao fundo, destaca-se um balcão com uma pia, gavetas e armários, enquanto na parede, encontram-se utensílios de cozinha e uma figura de ação do personagem Goku³², além de um luminoso amarelo com a inscrição "GoHanGo"³³. Logo nos primeiros segundos, a narração começa, e um jovem entra em cena, segurando uma cuia de vidro sobre a bancada. O vídeo desdobrará o processo detalhado para preparar o *saataa andaagii*.

Conforme os ingredientes são adicionados, um texto em branco, detalhando os ingredientes e suas quantidades, surge no centro da tela. O vídeo prossegue registrando as diversas etapas para a confecção do *saataa andaagii*, na seguinte ordem: incorporação do açúcar mascavo à cuia de vidro, mistura da margarina ao açúcar mascavo, adição de dois ovos

³² Personagem principal do mangá e anime Dragon Ball Z.

³³ GoHanGo é um canal disponível no Youtube que tem a gastronomia asiática como tema. O nome do canal pode ser interpretado como "língua da comida", considerando a língua japonesa, "gohan" é o termo utilizado para refeição, e "go" é o sufixo para designar a língua de um povo. <http://www.youtube.com/@GoHanGo>

seguida de mistura com um fuê até obter homogeneidade, incorporação de mais dois ovos com auxílio de um mixer, verificação da consistência da mistura, adição de uma pitada de sal com um saleiro, introdução do vinagre de maçã, mistura com o mixer, peneiração da farinha de trigo, acréscimo do fermento e verificação da textura da massa. A cuia é coberta com filme transparente, e a massa é reservada, embora o vídeo não indique onde ou por quanto tempo. Posteriormente, a cuia retorna, e com colheres, pequenas bolinhas da massa são formadas e fritas em uma panela de óleo quente. O cozinheiro utiliza *hashi* para facilitar o processo de fritura. Um prato generoso de *saataa andaagii* pronto é exibido, e o cozinheiro saboreia sua criação, enquanto acena chamando outras duas pessoas entram em cena para degustar o *saataa andaagii*.



Figura 11 Prints de frames do microvídeo

Abaixo, a transcrição do áudio do narrador e o texto da tela.

[ingredientes]

1 1/2 xícara de açúcar demerara, 1 1/2 xícara de açúcar mascavo, 1 colher de sopa de margarina, 4 unidades de ovo, 1 pitada de sal, 1 colher de sopa de vinagre de maçã, 2 xícaras de farinha de trigo, 1 colher de sopa rasa de fermento.

[voz do narrador]

Eu descobri como viajar no tempo. Sim, viajar. Mas nesse caso voltar para o passado. Sabe quando você come algo, e no momento que aquela comida toca sua língua você é levado para a infância? Igual aquele filme do ratinho que cozinha. Então, pra mim essa comida é **o *saataa andaagii*, um bolinho de chuva típico de Okinawa** que eu sempre comia na casa das minhas obás, ou seja, das minhas avós, e pode ter certeza de que **se você perguntar para qualquer uchinaanchu, ou seja descendentes de Okinawa, eles vão falar a mesma coisa** – “nossa isso lembra a minha obá” ou, também, “nossa isso aqui tem gostinho de infância”. E eu acho muito louco como uma comida te faz voltar no passado como uma máquina do tempo, e conseguir fazer você sentir o sabor, as sensações, os seus sentimentos, e arrisco dizer até mesmo visualizar o local que você está comendo. No meu caso, ele traz tudo isso, consigo visualizar eu com um *saataa andaagii* quentinho e crocante numa mão e um copo de leite com Nescau na outra, assistindo os meus desenhos favoritos, na sala da casa da minha obá, sentado no chão de taco, enquanto ela fala para eu sair de perto da televisão, porque se não vou estragar a vista. Ai ai, que saudades. Por isso que quando eu como algo gostoso faço questão de sempre estar em boas companhias, seja a minha ou com os meus amigos, porque no final, é sempre bom partilhar momentos marcantes com quem você gosta e poder relembrar eles no futuro. E você? O que você faz para viajar no tempo? (2022, @gohanplz, grifos meus)

A cultura gastronômica de Ryukyu/Okinawa se destaca como única em relação à culinária japonesa. Enquanto a cozinha japonesa tem nos frutos do mar seu principal elemento, em Ryukyu/Okinawa, a carne de porco assume um papel proeminente. A forte influência das dinastias chinesas e de outros povos do sudeste asiático se reflete nas receitas e métodos de preparo distintos da culinária ryukyana/okinawana. Um exemplo notável é o sobá, prato característico da região. O sobá consiste em um caldo à base de carne de porco, acompanhado por macarrão de trigo sarraceno e outros ingredientes, incluindo *toppings* variados. À primeira vista, pode-se confundir o sobá com o lámén, um prato asiático que envolve um caldo principalmente à base de frutos do mar, servido com macarrão tipo udon.

Como evidenciado por Kubota (2008), o papel das mulheres na preservação e transmissão de tradições e costumes aos descendentes que migraram para o Brasil é de suma importância. A culinária se destaca como um elemento significativo na vida dessa comunidade, que buscou estabelecer uma nova vida neste país. Através das práticas culinárias, as mulheres desempenham um importante papel na manutenção da identidade cultural, contribuindo para a continuidade das tradições e proporcionando uma conexão tangível com as raízes ancestrais.

O microvídeo expressa um ethos dito relacionado às lembranças pessoais do narrador em relação à comida, especificamente o *saataa andaagii*, um bolinho típico de Ryukyu/Okinawa. Semelhante a um bolinho de chuva, porém com uma textura ligeiramente

mais firme que a receita brasileira e sem a cobertura de açúcar com canela, essa iguaria é destacada na narrativa como uma espécie de "máquina do tempo". O autor é transportado de volta à sua infância, evocando sensações, sentimentos e até mesmo imagens do local onde costumava comer. O uso de expressões como "nossa isso lembra a minha obá" ressalta a conexão cultural e afetiva que a comida tem para os descendentes de Okinawa, criando uma identidade compartilhada em relação às experiências culinárias.

O *ethos* mostrado está presente na maneira como o narrador descreve as sensações ao comer o *saataa andaagii* e compartilha suas memórias afetivas. O texto revela não apenas um gosto gastronômico, mas também um forte vínculo emocional com a cultura e a história pessoal. A ênfase na importância de partilhar momentos agradáveis com entes queridos destaca a dimensão social da experiência culinária e a capacidade de criar memórias coletivas. Por meio da comida, o narrador busca preservar e compartilhar não apenas o sabor, mas também as histórias e as emoções ligadas a essa tradição culinária específica.

Com o enunciado "se você perguntar para qualquer uchinaanchu, ou seja, descendentes de Okinawa, eles vão falar a mesma coisa", o narrador evoca uma memória compartilhada, sugerindo um senso de pertencimento a um grupo comum entre aqueles com ascendência em Ryukyu/Okinawa. Embora não se possa afirmar que essa memória coletiva esteja presente em todos os indivíduos da comunidade, pessoalmente me identifico como uchinaanchu e tenho memórias familiares relacionadas ao *saataa andaagii* que são muito semelhantes às expressas no vídeo.

As palavras do narrador evocam memórias; no entanto, a sequência de imagens do vídeo apresenta um método de preparo da receita que provavelmente difere do utilizado pela "obá" dele. Isso fica evidente na complexidade dos ingredientes, como o uso de dois tipos diferentes de açúcar, na necessidade de deixar a massa descansar e na utilização de utensílios como fuê e mixer. Por outro lado, o uso de hashi para manipular a fritura é característico de pessoas de origem asiática.

3.3 Sou mulher ryukyuan/okinawana

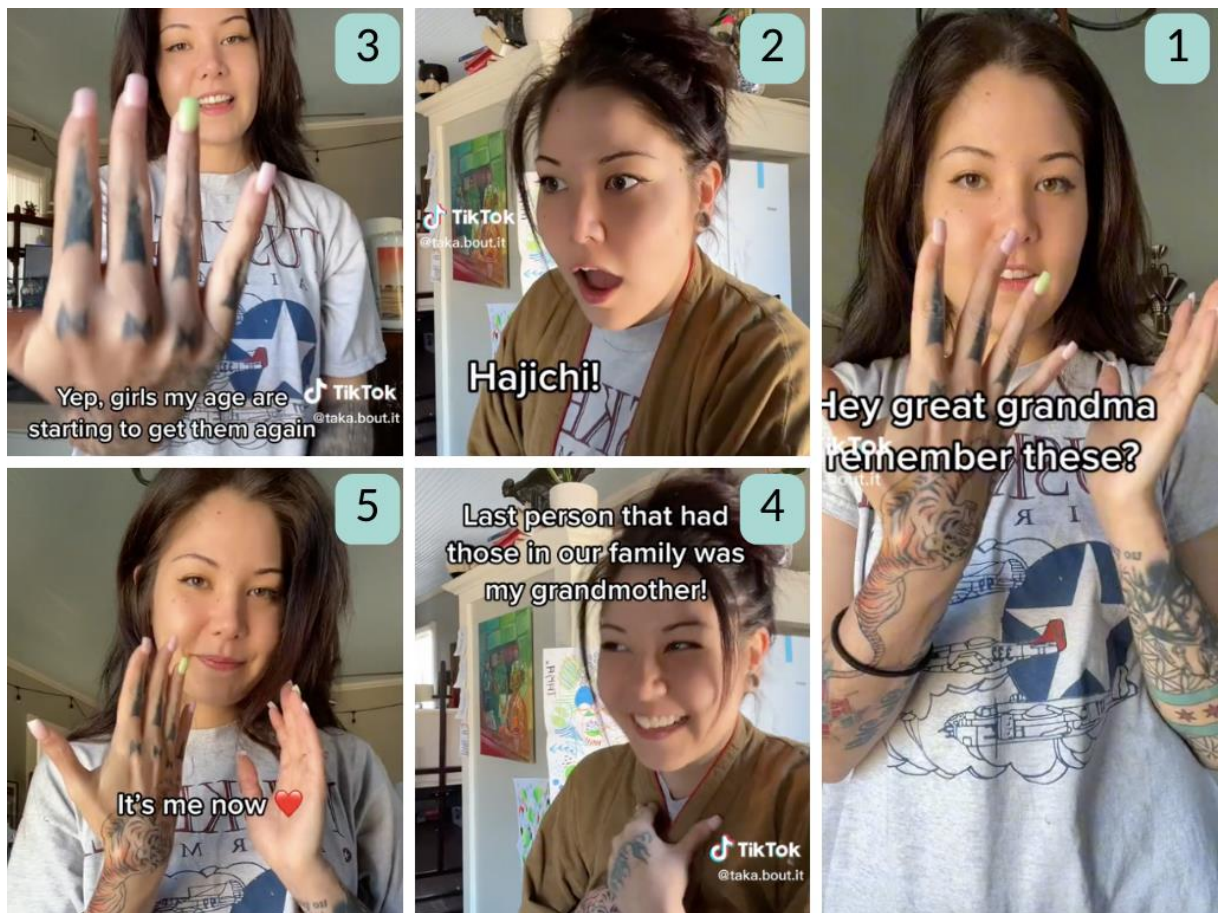


Figura 12: prints de frames de conteúdo postado por @taka.bout.it, duração 11 segundos. [Clique aqui para assistir](#)

O vídeo apresenta uma encenação de diálogo entre duas personagens, ambas interpretadas pela mesma pessoa. Em certos momentos, a artista personifica uma jovem mulher, vestindo uma camiseta, cabelos longos soltos e exibindo braços tatuados, enquanto em outros momentos assume o papel de uma mulher idosa, com os cabelos presos em um coque e vestindo uma blusa marrom com estilo de kimono. O diálogo não é verbalizado, mas sim representado, sendo acompanhado por textos sobre a imagem, assemelhando-se a legendas que revelam as falas das personagens. O áudio de todo o vídeo é a reprodução de trecho da música Pierre³⁴, da cantora Ryn Weaver.

A primeira cena destaca a jovem olhando diretamente para o espectador, evidenciando as tatuagens em seus dedos. Num aparente ajuste de ângulo de câmera, a personagem idosa

³⁴ “And then I found me a lover who could play the bass / He's kinda quiet, but his body ain't / Spend the days dreaming and the nights awake / Doin' things we know we shouldn't do”. Em tradução livre “E então eu encontrei um amante que sabia tocar baixo / Ele é meio quieto, mas seu corpo não é / Passamos os dias sonhando e as noites acordados / Fazendo coisas que sabemos que não deveríamos fazer”

responde com uma expressão surpresa. Em seguida, a jovem reage à surpresa causada, e a idosa explica o motivo por trás da reação, transmitindo uma alegria genuína, como evidenciado pelo sorriso encenado. O vídeo conclui com a jovem, exibindo as tatuagens nos dedos, expressando felicidade e uma conexão cúmplice. Abaixo a transcrição da legenda mostrada durante o vídeo.

Bisneta: Ei, bisavó, lembra disso? [mostrando as tatuagens em suas mãos]
 Bisavó: Hajichi! [responde com expressão de surpresa]
 Bisneta: Sim, meninas da minha idade estão começando a fazer novamente.
 Bisavó: A última pessoa que teve isso em nossa família foi a minha avó!
 [comenta com um sorriso]
 Bisneta: Agora, sou eu! [com expressão de satisfação]
 (2023, @taka.bout.it, tradução minha)³⁵

Até a data da coleta de dados, esse microvídeo marcava 1,2 milhão de visualizações, permitindo assumir que “viralizou”. Com a opacidade do algoritmo, não se pode afirmar de modo definitivo o que levou ao alto volume de acessos, mas conforme vimos sobre o mundo ético TikTok e seu agenciamento, pode-se assumir que o fato da criadora do conteúdo ter seguido uma das *trends* disponíveis impulsionou o alcance de sua postagem.

O que permite identificar como uma *trend* relaciona-se com a música utilizada como áudio do vídeo. Essa tendência tem como característica estabelecer uma conexão com práticas antigas que ainda realizamos nos dias de hoje. O roteiro inicial, que serviu de base para a replicação da *trend*, fazia uma contraposição entre o ofício de uma fotógrafa contemporânea e uma pintora do século XVIII, o *plot* do vídeo era mostrar a arte da pintora no passado e depois a fotografia de modo que ambas continuavam a tradição de retratar pessoas. O contraste entre o passado e o presente, era representado com um tom de humor, ao mesmo tempo de similaridade de situação entre essas duas mulheres.

A música é fundamental para reconhecer a *trend*, a letra da música não tem como tema essa relação entre passado e presente, ou ofício das mulheres, porém, o último verso, que diz “fazendo coisas que sabemos que não deveríamos fazer”, interage com a narrativa de que desde o século XVIII, essas artistas praticavam algo que sabiam ser contravisor.

A autorrepresentação como ryukyuna/okinawana é demonstrada com o resgate seguido de apropriação da prática das tatuagens chamadas de Hajichi. As tatuagens, conhecidas como Hajichi, são uma expressão cultural única de Ryukyu/Okinawa. Ao exibir as tatuagens, no que

³⁵ Originalmente a língua do microvídeo é a inglesa, segue a transcrição: Great granddaughter: Hey great grandma remember these? [mostrando as tatuagens em suas mãos] / Great grandma: Hajichi! [responde com expressão de surpresa] / Great granddaughter: Yep, girls my age are starting to get them again / Great grandma: Last person that had those in our family was my grandmother! [comenta com um sorriso] / Great granddaughter: It's me now [com expressão de satisfação]

podemos destacar com um “*ethos* mostrado”, a bisneta está comunicando visualmente parte de sua identidade e conexão com a cultura de suas ancestrais.

O diálogo reflete a interseção do “*ethos* mostrado” na exibição física das tatuagens com o “*ethos* dito” nas palavras que destacam a continuidade cultural e a importância histórica dessas práticas na família. A bisneta explicitamente menciona que meninas de sua idade estão retomando a prática das tatuagens, indicando uma conscientização sobre a importância cultural e uma vontade de preservar ou reviver tradições. A resposta da bisavó, comentando que a última pessoa da família com tais tatuagens foi sua avó, adiciona um elemento de história e continuidade cultural à conversa.

Hajichi refere-se às tatuagens tradicionais usadas pelas mulheres do Arquipélago e subarquipélago de Ryukyu/Okinawa. A investigação desse tema enfrenta desafios significativos devido à carência de registros, uma vez que foram proibidas e banidas durante o período colonial japonês. Isso resultou na diminuição do número de mulheres tatuadas e na marginalização daquelas com Hajichi. Em um artigo de Matsumoto (2017), a autora sugere que a cultura da tatuagem em Ryukyu/Okinawa pode ter sido influenciada pelo contato com outros povos do Pacífico, como Taiwan, Filipinas, Indonésia, Nova Caledônia, Austrália e Nova Zelândia, que também manifestam sua cultura com a prática da tatuagem.

Estudos indicam que as razões para as tatuagens estão ligadas à trajetória de vida das mulheres ryukyuanas/okinawanas. Conforme Higa (2015), a Hajichi possui três significados: (1) sinalizar que a mulher é casada, (2) representar a conexão espiritual com os ancestrais e (3) servir para proteger a mulher contra raptos ou escravidão por outros povos. Esses significados são interligados e modificados ao longo do tempo histórico.

Os modos como a Hajichi era aplicada também possuem incertezas. Sabe-se que era um ritual de mulher para mulher, sem rigidez na prática, o que significa que não havia um modo único de aplicar ou receber uma Hajichi. Algumas mulheres recebiam sua Hajichi como um rito de passagem ao sair da casa dos pais e iniciar uma nova vida de matrimônio em uma nova casa. Em outros momentos, podiam receber a primeira Hajichi ainda na infância e a última Hajichi quando se casavam, simulando um ciclo de preparo da mulher até a fase adulta.

O mito de criação ryukyano, documentado no livro *Ryukyu: a bibliographical guide to Okinawan Studies* de Shunzo Sakamaki (1961), relata que duas deidades, Amamia-kyu (feminino) e Shineri-kyu (masculino), ergueram suas cabanas lado a lado. Após algum tempo, com a influência da força do Vento, esses dois seres manifestaram três descendentes: um homem que se tornou o primeiro líder, uma mulher que se tornou a primeira sacerdotisa e um menino que representaria os seres humanos. Essas três manifestações, concebidas diretamente

das divindades, foram asseguradas por trazerem consigo o fogo do Deus-Dragão que habita nas profundezas do mar.

O mito confirma a peculiaridade da mulher ryukyuna em ser detentora do conhecimento divino, por assim dizer, e, com isso, ser a ponte entre o mundo visível e invisível. Bell (1984) afirma que toda mulher ryukyuna/okinawana pode ser considerada como tendo o potencial de entrar em contato com o reino sobrenatural e possuir algum grau de poder sagrado, vistas como especialistas “religiosas”, e desempenhar o papel de mediadoras em nome de determinados homens e da comunidade como um todo. São três os principais termos para se referir a essas mulheres: a *Noro* estaria associada a uma função de conselheira e responsável pelos rituais referentes a toda uma comunidade, podendo ser o reino todo ou uma pequena vila; a *Yuta* que cuida dos assuntos individuais e familiares, podendo ser solicitada em casos de enfermidades e para consultas com os ancestrais; a *Kaminchu* que seria a mulher com conexão com o divino, como uma médium. A Hajichi também poderia representar a distinção na sociedade dessas mulheres.

As Hajichi foram proibidas em 1899 pelos japoneses, e as mulheres tatuadas foram marginalizadas, pois a tatuagem não era aceita como algo “japonês” dentro do processo de assimilação na conjuntura imperialista japonesa. Entretanto, uma das práticas dos japoneses em suas colônias envolvia o roubo e a escravização de mulheres, que eram colocadas em prostíbulos frequentados, na maioria dos casos, por soldados japoneses — as chamadas “mulheres de conforto”. As ryukyunas/okinawanas, compreendendo que os japoneses desaprovavam tatuagens a ponto de negar a presença de uma mulher com Hajichi, passaram a utilizar essa prática como forma de proteção contra esse tipo de violência.

Abaixo, um outro microvídeo que reforça essa lacuna no tempo da prática da Hajichi e como essas tatuagens reforçam o caráter identitário do discurso ryukyuno/okinawano.



Figura 13: prints de frames de conteúdo produzido e postado por @missarikawa, duração 11 segundos. [Clique aqui para assistir](#)

Uma jovem, segurando o celular, apontando-o para o telespectador, evidenciando a mão direita pintada com tinta preta, simulando tatuagem étnica, no canto esquerdo superior da tela, um texto em cor branca com a legenda “Por que você quer tatuagens nas mãos? Ninguém vai entendê-las³⁶”, música de fundo *Pope is a rockstar* em destaque, o vídeo segue com um *close* na mão esquerda, mostrando outras pinturas em preto, simulando tatuagem, e depois uma série de fotos de mulheres idosas com as mesmas pinturas nas mãos, dessa vez uma tatuagem definitiva, acompanhado o ritmo da música de fundo, a frase “*go little rockstar*” vai aparecendo na tela.

O microvídeo destacado na Figura 13, que acumulou pouco mais de 900 mil visualizações, aborda a temática da Hajichi e integra uma *trend*. O sinalizador dessa tendência é a utilização da trilha sonora *Pope is a rockstar*, enquanto a narrativa inicialmente apresenta sonhos e desejos como algo aparentemente inalcançável. Posteriormente, com a legenda “*Go little rockstar*” (Vá, pequena estrela do rock), transmite-se o estímulo de que os sonhos e desejos

³⁶ “Why do you want tattoos on your hands? No one's going to understand them”

serão realizados. A tendência, assim, confirma o *ethos* específico motivado e integrado pelo TikTok, conforme já apresentado como *mídiu* discursivo.

A pergunta sobre por que fazer uma tatuagem se ninguém irá entender encontra resposta na imagem de uma mulher idosa com as mãos tatuadas. Essa imagem sugere que as tatuagens representam uma forma de associação com essas mulheres, tornando-se assim um elo com a história desejada por muitos. A satisfação subjetiva de conectar-se com esse passado emerge como a motivação para tatuar as mãos, mesmo que para outros não haja compreensão.

Nesse contexto, o *ethos* dito acompanha o texto da legenda, reforçado pela imagem. Por outro lado, a noção de desejo, representado pelo sonho a ser realizado, manifesta-se como um *ethos* mostrado, relacionando a simulação da tatuagem nas mãos do enunciador com as tatuagens definitivas registradas nas fotos da mulher idosa.

Nos dois vídeos apresentados, Figura 12 e 13, observamos de maneiras distintas como o *mídiu* e o *ethos* determinado pelo TikTok influenciam as escolhas de produção dos enunciados nele presentes, destacando-se a utilização das *trends* como uma de suas principais características. Pode-se notar um *ethos* motivacional em ambos os vídeos, considerando a dimensão do *ethos* relacionada às motivações subjacentes ao discurso das duas autoras, com a expressão das intenções, valores e atitudes do sujeito comunicador através de sua linguagem. O *ethos* motivacional ajuda a estabelecer a credibilidade e a persuasão do discurso ao revelar as razões e emoções que impulsionam o falante a se comunicar de determinada maneira. Essa noção contribui para entendermos como os indivíduos constroem e projetam uma imagem de si mesmos através de sua linguagem e como essa imagem influencia a percepção do público sobre eles.

A prática do resgate da Hajichi desenrola-se como um processo cultural e de afirmação identitária, emergindo como um fenômeno relativamente recente, ocorrendo na década de 2010. A segunda edição da revista *Shimanchu nu Kwii*, dedicada à divulgação da cultura ryukyana/okinawana, apresentou nove entrevistas com mulheres que compartilharam suas experiências ao tatuar Hajichi. As respostas coletadas delinearão uma narrativa comum, destacando uma profunda conexão identitária com suas raízes ryukyuanas/okinawanas. O ato de tatuar Hajichi foi descrito como um meio de autorreconhecimento, fortalecimento do sentimento de pertencimento, valorização de seus antepassados e uma expressão de respeito pelos ancestrais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do "*ethos* discursivo" condicionado aos conteúdos do *TikTok* oferece uma perspectiva valiosa sobre como o "*mídiu*m discursivo" se relaciona com o enunciado. É importante notar que essa integração não se restringe apenas à facilitação da disseminação e representação individuais, mas também influencia diretamente a construção do enunciado, no caso, no formato de microvídeos característico da plataforma.

Em particular, quando nos deparamos com vozes subalternas em busca de espaço e expressão, e um discurso dominante que busca minar e inferiorizar essas vozes, a análise crítica dos meios de comunicação digital se torna ainda mais relevante. O reconhecimento da programação algorítmica dessas plataformas mostra-se fundamental para desvelar as complexas dinâmicas por trás dos enunciados, possibilitando uma leitura mais precisa e contextualizada dos discursos presentes nesses ambientes.

A memória histórica dos eventos de Ryukyu/Okinawa, que sofreu intensamente nas mãos das tropas estadunidenses e japonesas no século XIX e durante eventos chave do século XX, continua a influenciar as relações com o Japão continental. A posição complexa de Ryukyu/Okinawa nas esferas política, econômica e cultural ainda suscita múltiplas questões sobre a identidade e a história dos ryukyuanos/okinawanos. A revisão historiográfica mostra a trajetória de um povo que, submetido a um processo de colonização, enfrenta uma integração assimétrica ao império japonês. Esta política de subordinação de todo arquipélago de Ryukyu/Okinawa faz parte do desenvolvimento histórico do Japão como potência regional. Segundo Oguma (2014), uma estratégia utilizada pelo Estado Meiji para convencer o povo okinawano de que sua incorporação ao Japão era incontestável consistia em reconfigurar a percepção histórica de Okinawa, alegando que os okinawanos eram, na verdade, "japoneses". O Estado japonês sustentava que o povo de Ryukyu/Okinawa simplesmente havia esquecido sua identidade japonesa, tendo sido corrompido por anos de influência e associação com a cultura chinesa.

Conforme discutido por Hein (2022), o reconhecimento da relação colonizador-colônia entre o Japão e Ryukyu/Okinawa é relativamente recente nos debates historiográficos. A narrativa dominante no Japão, que considera Ryukyu/Okinawa uma parte integral do país por ter sido incorporada como uma prefeitura e não como uma colônia, é um ponto central na dinâmica atual entre o Japão e os Estados Unidos. Essa visão tem influenciado significativamente o "problema de Okinawa" em momentos de crise ou transição no Japão

moderno, como a transição Meiji para a modernidade, a guerra, a derrota e a ocupação após 1945, e o realinhamento pós-Guerra Fria.

Ao se identificarem como ryukyuanos/okinawanos, essas populações não apenas afirmam uma identidade cultural autêntica, mas também se posicionam como agentes de resistência. Este autorreconhecimento transcende a esfera individual, transformando-se em um discurso coletivo e uma causa legítima de reivindicação. Em um mundo em constante mudança, a busca por uma voz própria, aliada ao contexto global de desconforto e insatisfação, impulsiona-os a se tornarem protagonistas na narrativa de sua própria identidade, resistindo e redefinindo o que significa ser ryukyuno/okinawano.

A pergunta que surge é: por que reivindicar essa identidade ryukyuna/okinawana? A pesquisa, por ora, não oferece uma resposta clara. De acordo com Hein (2022), a busca vai além do reconhecimento dos ryukyuanos/okinawanos como distintos dos japoneses; visa também promover uma revisão da identidade nacional japonesa, orientando-a em direção a uma percepção mais inclusiva de “heterogeneidade, diversidade e hibridismo”. Essa necessidade de transformação reflete as tentativas do Estado japonês de manter os habitantes de Ryukyu/Okinawa como “súditos contentes e pacíficos” do Estado-nação, enfatizando o caráter imperial de sua incorporação.

Nascido em Naha, Susumo Higa (2023) buscou inspiração para criar seu mangá “Okinawa” nas histórias que ouviu ao longo de sua vida, tanto dentro quanto fora do ambiente familiar, narrativas presentes na memória de grande parte da população de Ryukyu/Okinawa. Ao ser questionado sobre as razões para abordar a história sob a perspectiva do ryukyuno/okinawano, ele destaca que as pessoas têm o direito de viver em paz e felicidade em seu próprio território. Higa argumenta que a sensação de medo em relação a uma segunda “Batalha de Okinawa” não deveria existir, mas, dada a sua existência, há a necessidade de amplificar a voz ryukyuna/okinawana.

Os desafios confrontados pela população de Ryukyu/Okinawa têm suas raízes na falta de soberania sobre seu território, que está inserido em um contexto de disputa de poder entre China e Estados Unidos. Nesse cenário, o Japão se posiciona como aliado dos Estados Unidos. Essa dinâmica levanta uma segunda indagação, também destacada por Hein (2022): como uma população pequena e subordinada pode superar a magnitude dos obstáculos que enfrenta? A resposta, mais uma vez, não pode ser definida por essa pesquisa, porém, permite indicar que ao expressar e divulgar uma identidade ryukyuna/okinawana fortalece os movimentos sociais que visam o fim da subordinação.

A globalização da internet aproxima causas distantes e invisíveis, provocando desconforto e questionamentos sobre a realidade, tornando-se combustível para se posicionar contra desigualdades e injustiças. Relacionar as demandas ryukyuanas/okinawanas a pautas globais, que dizem respeito à condição humana como um todo, mostra-se como um modo viável para fortalecer e destacar essas vozes ainda subalternas. Para quem sabe um dia tornarem-se uma voz ryukyuaana, sem a necessidade de mencionar o nome dado pelo colonizador de okinawana.

REFERÊNCIAS

- ABIDIN, Crystal; ZENG, Jing. **Feeling Asian Together**: Coping With #COVIDRacism on Subtle Asian Traits, in *Social Media + Society* Sage journal, edição jul-sep, 2020.
- AKAMINE, Mamoru. **The Ryukyu Kingdom**: cornerstone of East Asia, tradução Terrell, Lina, Huey, Robert N, Honolulu: University of Hawai'i Press, 2017.
- ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands**: la frontera. San Francisco: Aunt Lute, 1987.
- ARAKAKI, Henrique; ASATO, Naomi; KAKAZU, Lúcia; MIYAHIRA, Lucas; OKUMA, André; TOMA, Hiromi. **Video-depoimento sobre a 'reversão'**, 2022. Apresentado no evento "50 anos da 'Reversão' de Okinawa - Comemorar o quê?", realizado em 11 de junho de 2022, São Paulo, SP.
- BELL, Rosamund. **Women in the religious life of the Ryukyu islands**: structure and status. *Journal of the anthropological Society of Oxford, Reino Unido*: 1984.
- BURTON, John. **Conflict**: Basic Human Needs. New York: St. Martins Press, 1990.
- CHATANI, Sayaka. **Nation-empire**: ideology and rural youth mobilization in Japan and its colonies. Ithaca: Cornell University Press, 2018.
- CHEN, Shangsheng. **The chinese tributary system and traditional international order in East Asia during the Ming and Qing Dynasties from the sixteenth to nineteenth century**. Leiden: *Journal of chinese humanities*, 2019.
- HALL, John Whitney; McClain, James. **The Cambridge history of Japan**: early modern Japan volume 4, Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- HAMASHITA, Takeshi. **China, East Asia and the global economy**: regional and historical perspectives. Abingdon: Routledge, 2008.
- HEIN, Laura. **Okinawa studies today**. In *Critical asian studies*, vol. 54, 2022, p. 495 - 512, disponível em <https://doi.org/10.1080/14672715.2022.2125886>
- HEIN, Laura; SELDEN, Mark. **Islands of discontent**: okinawan responses to japanese and american power. USA, Rowman & Littlefield Publishers, 2003.
- HIGA, Laís Miwa. **Umi nu kanata - Do outro lado do mar**: história e diferença na "comunidade okinawana brasileira". Dissertação de mestrado, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.
- HIJINO, Ken Victor Leonard; VOGT, Gabriele Vogt. **Identity politics in Okinawan elections**: the emergence of regional populism, *Japan Forum*: 2021.
- KARIZAT, Nadia; DELMONACO, Daniel; ESLAMI Motahhare; ANDALIB, Nazann. **Algorithmic Folk Theories and Identity**: How TikTok Users Co-Produce Knowledge of

Identity and Engage in Algorithmic Resistance, Proc. ACM Hum.-Comput. Interact., Vol. 5, No. CSCW2, Article 305. Publication date: October 2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analisar discursos institucionais**, tradução Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Uberlândia: EDUFU, 2018.

KUBOTA, Nádía Fujiko Luna. **Bon Odori e sobá**: as Obasan na transmissão das tradições japonesas em Campo Grande - MS. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista - UNESP, Campus de Marília, 2008.

LEE, J; ABIDIN, Crystal. **Introduction to the Special Issue of “TikTok and Social Movements”**. In Social Media + Society Sage, edição jan-mar, 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. COSTA, Irineu. São Paulo: Editora 34, 1999.

LITERAT, I; KLIGER-VILENCHIK, N. **TikTok as a Key Platform for Youth Political Expression**: Reflecting on the Opportunities and Stakes Involved. In Social Media + Society Sage, edição jan-mar, 2023.

MABUCHI, Toichi. **Space and time in ryukyuan cosmology**. In Asian folklore studies vol. 39, nº. 1, pp. 1-19, Nanzan University, 1980.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**, tradução Freda Indurky. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Gênese dos discursos**, tradução Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Discurso literário**, tradução Adail Sobral, 2º edição. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Cenas da enunciação**, organização Sírio Possenti, Maia Cecília Perez de Souza e Silva. São Paulo: parábola, 2008.

_____. **Variações sobre o ethos**, tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.

McCORMACK, Gavan; NORIMATSU, Satoko Oka. **Resistant Islands**: Okinawa confronts Japan and the United States. 2ª ed. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, Inc., 2018.

MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

NAKASONE, Ronald Y (org). **Okinawan diaspora**. University of Hawaii Press, 2003.

OGUMA, Eiji. **A genealogy of japanese self image**. Australia: Transpacific press, 2002.

OGUMA, Eiji. **The boundaries of ‘the japanese’ – Okinawa 1818-1972 inclusion and exclusion**, vol. 1, Tradução Leonie R. Stickland. Melbourne: Trans Pacific Press, 2014.

PARISER, Eli. **The filter bubble: what the internet is hiding from you**. New York: Penguin Press, 2011.

RABSON, Steve. **Assimilation policy in Okinawa: promotion, resistance, and “reconstruction”**. In: JOHNSON, Chalmers, *Okinawa: cold war island*. Japan police research institute, 1999, p. 133 -

RABSON, Steve. **Okinawa: Two Postwar Novellas by Oshiro Tatsuhiro and Higashi Mineo**. Berkeley: Institute of East Asian Studies, University of California, 1989.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

SAID, Edward. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAKAMAKI, Shunzo. **Ryukyu: a bibliographical guide to Okinawan studies; surveying important primary sources and writings in Ryukyuan, Japanese, Chinese, and Korean**. Honolulu: University of Hawaii Press, 1963.

SALGADO, Luciana. **A dimensão algorítmica dos discursos ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais**. In *Pesquisas em linguagem: diálogos com a contemporaneidade*, Campinas/SP: 2021.

SALGADO, Luciana Salazar; OLIVA, Jaime. **Espaço comunicativo e fratura social**, Ebook, Belo Horizonte: Fino Traço, 2020.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHELLEWALD, Andreas. **Communicative Forms on TikTok: Perspectives From Digital Ethnography**. In *International Journal of Communication*, vol. 15, 2021, disponível em <https://research.gold.ac.uk/id/eprint/30350/8/16414-52993-1-PB.pdf>

SHIBATA, Masako. **Educational reconstruction and the promotion of local identity: Okinawa in the American occupation 1945–1972**. In *Comparative Education*, vol. 58, nº 2, 2022. DOI: 10.1080/03050068.2022.2048535

SMITS, Gregory. **Visions of Ryukyu: identity and ideology in early-modern thought and politics**. Honolulu: University of Hawaii's Press, 1999.

SOUZA, Yoko Nitahara. **A comunidade uchinanchu na era da globalização: contrastando “okinawanos” e “japoneses”**. Dissertação de mestrado, Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STOKEL-WALKER, Chris. **TikTok boom:** China's dynamite app and the superpower race for social media. Surey, Reino Unido: Cambury press, 2021.

TAIRA, Koji. **Okinawa's choice:** Independence or subordination. In: JOHNSON, Chalmers, Okinawa: cold war island. Japan police research institute, 1999, p. 171-185.

Tajfel, H. (1981). **Human groups and social categories.** Studies in social psychology. Cambridge: Cambridge University Press.

TANJI, Miyume. **Myth, struggle and protest in Okinawa.** USA and Canada: Routledge Taylor & Francis e-Library, 2007.

TANJI, Miyume; BROUDY, Daniel. **Okinawa under occupation:** McDonalization and resistance to neoliberal propaganda. Editora Palgrave Macmillan, 2017.

TASHIRO, Kazul. **Foreign relations during the Edo Period:** Sakoku Reexamined. Tradução Susan Downing Videen, Journal of Japanese Studies, vol. 8, Nº 2, pp. 283-306. Seattle, WA, USA: The Society for Japanese Studies, 1982.

Turner, J. C. (1985). **Social categorization and the self-concept:** A social cognitive theory of group behavior. In E. J. Lawler (Org.). Advances in group processes. (Vol. 2). Greenwich, CT: JAI Press.

UEMURA, Hideaki. **The colonial annexation of Okinawa and the logic of international law:** the formation of an 'indigenous people'. In East Asia, Japanese Studies, 2003, vol. 23, p. 107 - 124, DOI: 10.1080/1037139032000154867

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar:** epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ZIOMEK, Kristen L. **Lost histories:** recovering the lives of japan's colonial peoples. Harvard University Asia Center, 2019.

ZHAO, Xinyu; ABIDIN, Crystal. **The "Fox Eye" Challenge Trend:** Anti-Racism Work, Platform Affordances, and the Vernacular of Gesticular Activism on TikTok, in Social Media + Society Sage journal, edição jan-mar, 2023.

Osamu Tada (2015) Constructing Okinawa as Japan's Hawai'i:

From Honeymoon Boom to Resort Paradise, Japanese Studies, 35:3, 287-302, DOI:

10.1080/10371397.2015.1124745